

KARMA YOGA

Swami Vivekananda

HADNU.ORG

Índice

Capítulo 1 – Karma e seus Efeitos sobre o Caráter	3
Capítulo 2 – Cada um é grande em seu próprio meio	12
Capítulo 3 – O Segredo do Trabalho	28
Capítulo 4 – O Que é o Dever?	39
Capítulo 5 – Não é ao mundo que ajudamos, e sim a nós mesmos	48
Capítulo 6 – Desapego é a abnegação completa	57
Capítulo 7 – Liberdade	69
Capítulo 8 – O Ideal de Karma-Yoga.....	83

Capítulo 1 – Karma e seus Efeitos sobre o Caráter

A palavra *karma* se deriva do sânscrito *kri*, fazer; toda ação é *karma*. Tecnicamente, esta palavra quer dizer: os efeitos das ações. Metafisicamente é usada com o seguinte significado: é o efeito provocado por nossas ações anteriores. Porém em Karma-Yoga só tratamos da palavra *karma* como equivalente de ação. A meta da humanidade é o conhecimento; este é o ideal único da filosofia oriental. O propósito do homem não é o prazer, mas sim o conhecimento. A felicidade tem seu fim. É um erro supor que o prazer é a meta. O motivo das misérias do mundo está em o homem pensar ingenuamente que o prazer é a finalidade que ele deve buscar. Depois de algum tempo, ele descobre não é rumo à felicidade, porém ao conhecimento, que se dirige; compreende que tanto o prazer como a dor são seus mestres e que tanto aprende através do bem como do mal.

O desfilir do prazer e da dor ante sua alma lhe sulca diferentes traços, e estas impressões combinadas formam o seu “caráter”. Se considerardes o caráter de um homem, notareis que ele não é mais do que um agregado de suas tendências, a soma das inclinações de sua mente; achareis que a desgraça e a felicidade são fatores equivalentes na formação de seu caráter. O bem e o mal atuam de forma semelhante na formação do caráter.

Em certas ocasiões a desgraça é melhor mestre do que a felicidade. Se estudássemos os grandes caracteres, chegaríamos a crer que na maioria dos casos a desgraça lhes ensinou mais do que a felicidade; que a pobreza lhes ensinou mais do que a riqueza, e que foram os reveses mais do que os elogios o que lhes despertou o fogo interior.

Sabemos, porém, que este conhecimento é inato; nada nos vem do exterior; tudo está no interior. Quando dizemos que um homem “conhece”, deveríamos dizer que ele “descobre”; o que um homem “aprende” é em realidade apenas aquilo que ele “descobre” ao tirar as envolturas de sua alma, a qual é um depósito inesgotável de conhecimentos.

Dizemos que Newton descobriu a gravitação. Estaria ela por acaso oculta em algum lugar à sua espera? Não. Estava em sua própria mente; chegou o momento determinado e ela se descobriu. O conhecimento que o mundo possui como um tesouro provém da mente; a grandiosa biblioteca do universo está oculta em vossa própria mente. A queda de uma maçã chamou a atenção de Newton, e então ele estudou a sua própria mente; pôs em ordem os seus pensamentos e descobriu um novo, ao qual denominou “lei de gravitação”. Isto não estava na maçã nem em lugar algum. Portanto, todo conhecimento mental ou espiritual está na mente. Em muitos casos ele permanece oculto até que sua cobertura vai se retirando pouco a pouco e então dizemos que “estamos aprendendo”.

O progresso no conhecimento é o resultado do processo de descobrir. O homem em que se vai levantando este véu, é o que mais conhece; naquele em que o véu se mantém caído, é ignorante, e quem conseguiu erguê-lo de todo, chegou a onisciência. Sempre existiram homens oniscientes e espero que haverá milhares deles nos séculos futuros.

O conhecimento está na mente como o fogo está na pedra. É a fricção que o faz brotar. O mesmo acontece com os nossos sentimentos e ações: sorrisos e lágrimas, alegrias e tristezas, gargalhadas e gemidos, maldições e bênçãos, elogios ou censuras. Se nos estudássemos com imparcialidade, veríamos que cada um deles surgiu do nosso interior, por um impulso provocado por golpes exteriores. O resultado é aquilo que so-

mos. A reunião de todos estes golpes é o que chamamos *Karma*, ou ação. Cada impulso mental ou físico dada à alma, através do qual é provocada a chispa, e que se apresenta como poder e conhecimento, é, *karma*; usando a palavra em seu sentido mais amplo, estamos sempre acumulando *karma*. Quando estou falando, é *karma*; os que me escutam, é *karma*; respiramos *Karma*; andamos, *karma*. Tudo quanto fazemos física ou mentalmente e deixa suas marcas em cada um de nós, é *karma*.

Há certas ações que são como uma reunião, a soma total de um grande número de ações pequenas. Se nos aproximarmos das costas do mar e escutarmos as ondas arrebentarem-se contra as rochas, percebemos um grande barulho; no entanto, uma onda está formada por milhões de pequeninas ondas, cada uma das quais percebemos um ruído característico que nós não percebemos; a única coisa que ouvimos é o conjunto de todas elas. Do mesmo modo, cada batida do coração é uma ação; certas ações as sentimos e se tornam tangíveis para nós, sendo, no entanto, nada mais do que uma reunião de pequenas ações. Se desejais conhecer o caráter de um homem, não vos detenhais em seus grandes atos. Qualquer néscio pode se converter em herói em certas circunstâncias. Observai um homem quando executa suas ações comuns e insignificantes; essas são em verdade as que revelam o seu verdadeiro caráter, ou o caráter de um grande homem. As grandes ocasiões fazem grande o mais vulgar dos homens, porém só é grande aquele cujo caráter é sempre grande, sempre igual em todos os momentos.

Em seus efeitos sobre o caráter, o *karma* é o poder maior que o homem tem que enfrentar. O homem é de certo modo um centro que atrai para si todos os poderes do universo, e uma vez reunidos, os emite novamente numa poderosa corrente. Este centro é o homem real, o onipotente, o onisciente, e atrai a si todo o universo. Bem e mal, felicidade e miséria, tudo corre para ele e se reúne ao seu redor, e modela a poderosa

corrente das tendências que formam o seu próprio caráter, e as atrai para o exterior. Assim como tem o poder de atrair, tem também o poder de emitir.

Todas as ações que vemos no mundo, os movimentos sociais, tudo quanto nos rodeia, não representa nada mais do que o produto do pensamento, a manifestação da vontade do homem. Máquinas, instrumentos, cidades, tudo é manifestação da vontade humana; e a vontade resulta do caráter, e o caráter é ação do *karma*. Como é *karma*, é a manifestação da sua vontade.

Os homens de vontade poderosa têm sido grandes trabalhadores; almas gigantescas dotadas de uma vontade capaz de arrancar os mundos de suas órbitas, e essa vontade foi adquirida mediante um trabalho persistente efetuado durante séculos. A vontade de um Buda ou de um Jesus não podia ser adquirida em uma só vida. Sabemos quem foram. seus pais, porém, nada nos prova que eles tivessem pronunciado uma só palavra em benefício da humanidade.

Milhões de carpinteiros como José existiram, milhões vivem ainda. Existiram no mundo milhões de pequenos reis como o pai de Buda. Se somente se tratasse de uma transmissão hereditária, como explicar que esse rei, que não foi obedecido nem pelos seus criados, fosse pai de um filho a quem meio mundo adora? Como explicar o abismo que medeia entre o carpinteiro e seu filho, a quem milhões de seres humanos adoram como um Deus? A resposta escapa à teoria da hereditariedade. Donde lhes veio a gigantesca vontade que Buda e Jesus impuseram ao mundo! Donde provém o acúmulo de poder?

Deve ter estado neles presente durante eras incontáveis, crescendo sempre, até que para o bem da sociedade apareceu

um Buda, e depois um Jesus que continua expandindo Seu poder através de nossos dias.

Tudo isto é produto do *karma*, isto é, ação. Ninguém pode obter coisa alguma, a não ser merecendo-a. Esta é uma lei eterna. Um homem pode lutar toda a sua vida para conseguir riquezas, pode enganar a mil pessoas, porém no fim, se não merece ser rico, sua vida se torna insuportável. Podemos acumular milhares de objetos para o nosso bem-estar físico, porém só o que merecemos é realmente nosso. Um néscio pode comprar todos os livros do mundo e ordená-los em sua biblioteca, porém só será capaz de ler aqueles que merece; e este merecimento é resultado do *karma*. Nosso *karma* determina o que merecemos e o que somos capazes de assimilar.

Somos responsáveis pelo que somos e podemos nos converter naquilo que desejamos ser. O que somos agora é resultante de nossas ações passadas. Devemos atuar bem no presente, a fim de modelar resultados bons para o futuro que ambicionamos. Direis: “qual é a utilidade de aprender a agir? Cada qual faz como quer”. Porém não devemos desperdiçar nossas energias. Falando sobre Karma-Yoga, o *Bhagavad-Gita* diz que devemos executar todo trabalho com habilidade, como se fosse uma ciência; sabendo-se como trabalhar, obtêm-se os maiores resultados. Deveis recordar que a ação não é nada mais do que a exteriorização do poder da mente que já existia nela. O poder está dentro de cada homem, da mesma forma que o conhecimento. As ações são golpes que o despertam e o fazem surgir.

O homem se move por vários motivos; não pode haver ação sem um motivo que a determine. Algumas pessoas desejam ser famosas e trabalham para isso. Outras ambicionam dinheiro e lutam por ele. Outras buscam poder e se esforçam por alcançá-lo. Há as que desejam o céu e tentam conquistá-lo. Há

as que querem imortalizar seu nome. Isto não acontece na China, onde nenhum homem consegue um título em vida; é um costume melhor de que o nosso, apesar de tudo. Na China, quando um homem se revelava em qualquer coisa, davam-lhe um título de nobreza a seu pai já morto, ou a seu avô.

Os militantes de certas seitas maometanas trabalham toda a vida para obter um túmulo importante.

Conheço seitas em que, quando nasce uma criança, já lhe preparam um túmulo. Segundo eles, este é o maior trabalho do homem, e quanto maior e suntuoso for o Túmulo, tanto mais rico se supõe que o homem é. Outros fazem benefícios; depois de cometerem toda a classe de maldades, levantam um templo ou dão dinheiro aos sacerdotes para que lhes assegurem um lugar no céu. Pensam que esta dádiva os purificará e assim receberão o perdão de suas culpas.

São estes os motivos que levam o homem a agir. Há, porém, aqueles que trabalham por amor ao trabalho. Em cada país existe uma elite que trabalha só por amor ao trabalho, sem se preocupar com recompensa alguma. Trabalha simplesmente porque o trabalho lhe faz bem. Há outros que beneficiam os pobres e a humanidade por motivos mais elevados; só por amor ao bem. Quando se pretende o renome ou a fama, raras vezes se consegue resultados imediatos, pois geralmente eles são alcançados quando já estamos velhos e fatigados desta vida.

Se um homem trabalha sem motivo egoísta, será que não ganha coisa alguma? Sim, ganha algo de mais elevado. O altruísmo é a maior recompensa, melhor mesmo do que a saúde, porém os homens não têm paciência de praticá-lo. Amor, verdade e altruísmo não são meras figuras de retórica, sem as realidades que devem constituir nosso mais elevado ideal, mesmo que seja apenas pelo poder que estas qualidades lhe conferem.

Primeiramente, um homem que trabalha cinco dias ou só cinco minutos sem nenhum motivo egoísta, sem pensar no futuro, no céu, nem no castigo, chegará a ser um poderoso gigante moral. É difícil de se levar isto à prática, porém, em nosso íntimo reconhecemos o seu valor e o bem que produz.

Quando o homem se torna impessoal, possui a maior manifestação de poder. Um carro arrastado por quatro cavalos pode precipitar-se de uma montanha, estando sem freios, ou pode também o cocheiro brecá-lo. Qual a maior manifestação de poder: refrear os cavalos ou deixá-los precipitar-se? Uma bala de canhão atravessa o espaço, corre uma distância considerável e cai; outra é detida por uma parede, e o choque gera um calor intenso. Toda manifestação de energia impulsionada por um motivo egoísta, é uma delapidação, pois não produzirá poder que volte ao seu agente; porém, se ela for contida, desenvolverá potência.

Este autocontrole produzirá uma vontade enérgica, um Buda ou um Cristo. Os ignorantes não conhecem este segredo; no entanto ambicionam dirigir a humanidade. Mesmo um tonto pode dirigir o mundo, se ele trabalhar e esperar; basta aguardar alguns anos, reprimir a néscia ideia de governar, e quando tiver alcançado isto, terá conquistado o verdadeiro poder. A maioria das pessoas não enxerga além de alguns anos, como certos animais não veem além de alguns passos. O mundo é um círculo estreito. Não temos paciência de olhar um pouco além, e por isto nos tornamos perversos e imorais. Esta é a nossa debilidade e impotência.

Nenhuma forma de ação, por inferior que seja, deve ser desprezada. Deixai que o homem que não conhece o que existe de melhor, trabalhe com fins egoístas, em busca do nome e da fama; porém, aproximai-vos cada vez mais de motivos mais elevados e procurai empreendê-los. “Temos direito ao traba-

lho, porém não ao seu fruto”. Não penseis nos frutos. “Por que preocupar-se com os resultados?” Se desejais ajudar um homem, nunca penseis no agradecimento. Se necessitais realizar uma obra grande ou boa, não vos inquieteis pelo resultado.

Surge agora uma pergunta difícil, relativa ao ideal da ação. É necessária atividade intensa; devemos trabalhar sempre. Não podemos estar um minuto sem trabalhar. Então, como descansar? Eis aqui um aspecto da luta da vida: o trabalho em cujo torvelinho somos rapidamente arrastados. E eis o outro: A calma, a sossegada renúncia; tudo é paz ao seu redor, há muito pouco ruído e exibição; só a natureza com seus animais, suas plantas e montanhas. Nenhum deles apresenta um quadro perfeito.

Se um homem acostumado à solidão se põe em contato com o torvelinho do mundo, será sacrificado por ele; da mesma forma que o peixe que vive no fundo do mar e é levado à sua superfície, morre pela ausência da pressão que mantinha a sua integridade. Pode um homem habituado ao tumulto da vida encontrar-se-á à vontade num lugar tranquilo? Não. Sofrerá, e é bem possível que perca a razão. O homem ideal é aquele que em meio do maior silêncio e solidão encontra atividade intensa, e em meio da maior atividade sente o silêncio e a tranquilidade do deserto. Um homem assim aprendeu o segredo da restrição: governa-se a si mesmo. Enquanto anda pelas ruas de uma grande cidade repleta de tráfico, sua mente está tranquila como se estivesse em uma caverna aonde não pudesse chegar um único som, e trabalha intensamente todo o tempo. Este é o ideal do Karma-Yoga, e se o tiverdes alcançado, tereis aprendido realmente o segredo da ação.

Devemos, porém, começar pelo princípio, aceitar os trabalhos tal qual nos chegam, e nos tornar cada dia mais altruístas. Devemos realizar a obra e encontrar o motivo que a inspi-

ra; e quase sem exceção, nos primeiros anos acharemos que nossos motivos são sempre egoístas; porém gradualmente este motivo se desvanecerá, até que por fim possamos realizar uma obra verdadeiramente altruísta.

Todos podemos esperar que um dia ou outro, lutando continuamente pela senda da vida, chegará um tempo em que sejamos perfeitamente altruístas; e no momento que o conseguirmos, todos nossos poderes se concentrarão e o conhecimento que já é nosso se manifestará.

Capítulo 2 – Cada um é grande em seu próprio meio

Segundo a filosofia *sânkya*, a natureza se manifesta mediante três forças ou modalidades, chamadas em sânscrito *satwa*, *rajas* e *tamas*. Estas forças são no mundo físico o que podemos chamar equilíbrio, atividade e inércia. O que caracteriza *tamas*, é a obscuridade ou inércia; *rajas* é atividade expressa como atração e repulsão, e *satwa* é o equilíbrio das duas.

Em cada homem existem três forças. Algumas vezes predomina *tamas*; então nos tornamos preguiçosos, inativos; achamo-nos escravizados por certas ideias e nos sentimos pesados. Outras vezes prevalece a atividade, e outras, enfim, este repousado equilíbrio de ambas. Porém, nos homens comuns predomina sempre uma destas forças. A característica de certos homens é a inatividade, a preguiça; a de outros, a atividade, o poder, a energia; e em outros encontramos a doçura, a calma e a nobreza, resultantes do equilíbrio entre a ação e a inação. Tanto nos animais como nas plantas e nos homens encontramos as manifestações mais ou menos típicas destas diferentes forças.

Karma-Yoga trata especialmente destes três fatores. Ensinando o que são e como empregá-los, auxilia-nos a realizar melhor nossas ações e com maior satisfação. A sociedade humana é uma organização hierárquica. Todos sabemos o que é moralidade; ninguém ignora o que é dever; não obstante, é fácil comprovar que sua interpretação difere em cada país. O que é moral em um pode não o ser no outro. Por exemplo: num pa-

is os primos podem casar-se e noutros este fato é imoral. O mesmo se pode dizer entre cunhados. Em certos países as pessoas podem casar-se uma só vez, e em outros, muitas vezes, e assim sucessivamente. No entanto, deve haver uma regra fixa, universal, de moralidade.

O mesmo acontece relativamente ao dever. A ideia de dever varia muito entre as diferentes nações; porém temos intuição de que deve existir alguma ideia universal do dever. Do mesmo modo, uma certa classe da sociedade supõe que certas coisas constituem o seu dever enquanto que outra classe crê o contrário, e se horroriza se os tivesse que fazer. Aparecem dois caminhos: o do ignorante que pensa existir uma única senda que conduz à verdade, e o do sábio que, de acordo com a nossa constituição mental ou dos distintos planos da existência em que nos encontramos, supõe que a moral e o dever têm de variar. O importante está em saber que há graduações no dever e na moralidade; que o dever de um estado de vida em certas circunstâncias não pode ser o de outro.

Daremos um exemplo: Todos os grandes mestres nos ensinaram que não devemos oferecer resistência ao mal, que a não-resistência é o mais elevado dever de moralidade. Todos sabemos que se certo número de pessoas tentasse por em prática esta máxima, o edifício social cairia em pedaços, os malvados tomariam posse de nossas propriedades e de nossas vidas, e fariam conosco o que desejassem. Bastaria que esta não-resistência fosse, praticada um só dia, para haver um desastre. No entanto, reconhecemos a verdade contida no ensinamento de “não resistir ao mal”.

Isto nos parece o mais elevado dos ideais; porém, ensinar esta doutrina equivaleria a condenar grande parte do gênero humano. Mais ainda, seria fazer-lhes sentir que estão sempre agindo mas seria causar-lhe escrúpulos de consciência por

todos os seus atos. Isto os debilitaria, e esta constante autodefesa-aprovação alimentaria mais vícios do que qualquer outra debilidade. Para o homem que começou a odiar-se, a porta da degeneração está aberta, e o mesmo acontece a uma nação.

Nosso primeiro dever é não nos odiarmos, pois para progredir precisamos primeiro ter fé em nós e em seguida em Deus. Portanto, a única alternativa que nos resta é reconhecer que o dever e a moralidade variam segundo as circunstâncias. Não devemos crer que o homem que resiste ao mal está praticando o mal, pois, segundo as circunstâncias em que se acha colocado, pode até ser este o seu dever.

Lendo o *Bhagavad-Gita*, muitos de nós ficamos assombrados ao nos deparar no segundo capítulo com Sri Krishna chamando Arjuna de hipócrita e covarde, por se recusar a lutar e resistir. Sendo seus adversários parentes e amigos, disse-lhe Arjuna que a não-resistência era o mais elevado ideal do amor. O ensinamento contido nestas palavras significa que todas as ações possuem dois extremos iguais: o positivo e o negativo.

Quando as vibrações luminosas são muito lentas, não as vemos, da mesma maneira que não as vemos quando são demasiado rápidas. A mesma coisa acontece com o som; quando muito baixo, não o ouvimos, nem quando é muito alto. O mesmo se dá com a resistência e a não-resistência. Um homem não resiste porque é débil e preguiçoso, e portanto não resiste porque não pode agir assim; outro, sabe que pode dar um golpe irresistível se quiser, e no entanto, não só não o dá, como bendiz seu inimigo. O que não resiste por debilidade, peca, e portanto não pode receber nenhum benefício da não-resistência; enquanto que o outro cometeria um pecado se resistisse.

Buda abandonou seu trono e renunciou à sua posição social, o que foi uma verdadeira renúncia; porém não pode haver renúncia no caso de um mendigo que não tem nada a re-

nunciar. Assim, pois, devemos ser sempre muito cuidadosos quando falarmos sobre a não-resistência e o amor ideal. Primeiramente, é necessário sabermos se temos, realmente o poder de resistir ou não. Então, se o temos e renunciamos, estamos realizando um grande ato de amor; porém, se não podemos resistir e estamos nos enganando com a ideia de que somos guiados por motivos dos mais elevado amor, estamos fazendo exatamente o contrário. Arjuna se tornou covarde em presença do poderoso exército que tinha contra si; seu amor o fez esquecer seu dever para com sua pátria e seu rei. Por isto lhe disse Sri Krishna que era um hipócrita: “Falas como um sábio, porém tuas ações te denunciam como um covarde; portanto, levanta-te e luta”.

Esta é a ideia central de Karma-Yoga. Karma-yogue é o homem que compreende que o mais elevado ideal é a não-resistência, e além disso que, esta não-resistência é a mais alta manifestação de Poder, quando realmente se possui; e também que a resistência ao mal é um passo no caminho para alcançar o, poder da não-resistência. Enquanto não tiver alcançado este ideal, o dever do homem é resistir ao mal; deve trabalhar, deve lutar e resistir com toda a força de que seja capaz. Só então, quando tiver obtido o poder de resistir, será uma virtude a não-resistência.

Certa vez encontrei em meu país um homem que anteriormente eu havia conhecido como muito ignorante e estúpido. Não sabia nada nem desejava saber; vivia como um bruto. Perguntou-me o que deveria fazer para conhecer a Deus; o que faria para ser livre. “Podeis dizer uma mentira?”, perguntei-lhe. “Não”, respondeu-me. “Então deveis aprender à dize-la. É melhor dizer uma mentira do que ser um bruto ou um pedaço de madeira. Sois inativo. Porque, com certeza, ainda não alcançastes o mais elevado estado, aquele que está além de todas as ações, o estado de serenidade e calma; sois demasiado torpe

para fazer o mal”. Mas, este é um caso extremo, e eu caçoava com ele; o que eu desejava demonstrar é que um homem deve ser ativo para chega, â perfeita calma.

A inatividade deveria ser evitada por todos os meios. Atividade é sinônimo de resistência. Resistir a todos os males mentais e físicos, e quando o tiverdes conseguido, virá a calma. É muito fácil dizer: “Não odeies ninguém, não resistas ao mal”, Porém todos sabemos o que isto significa na prática. Quando nos observam, podemos fazer uma ostentação de não-resistência, porém em nossos corações se encontra o câncer que nos corrói. Não experimentamos a calma que provém da não-resistência, mas compreendemos que seria melhor resistir.

Se ambicionais riquezas, porém ao mesmo tempo sabeis que o mundo considera mau o que desejais, talvez não vos atireis à luta para as conseguirdes mas vossa mente ficará dia e noite atrás do dinheiro. Isto é hipocrisia e não serve de nada. Atira-vos ao mundo e depois de algum tempo, quando tiverdes sofrido e gozado de tudo o que há nele, a renúncia virá, e com ela a calma. Assim, pois, satisfazeis vossos desejos, e logo chegará o momento em que reconheceréis quão pouco valem; porém, antes de terdes realizado esses desejos e passado por essa atividade, é impossível que vos encontreis em estado de completa calma, serenidade e autodomínio.

Estas ideias de serenidade e renúncia têm sido pregadas desde milhares de anos; todos as conhecem desde a infância, e no entanto muito poucos no mundo alcançaram realmente esse estado. Não sei se já vi em minha vida vinte pessoas que gozassem realmente de calma e praticassem a não-resistência; eu que já percorri a metade do mundo!

Cada homem deveria fixar seu próprio ideal e esforçar-se em realizá-lo; esta é a maneira mais segura de progredir do que impondo seus ideais aos outros homens, ideais que jamais

conseguirão realizar. Por exemplo, se dermos à criança a tarefa de caminhar vinte milhas, ou ela morre, ou ela apenas entre mil se arrasta até a meta para chegar ao fim, rendida de cansaço. Algo semelhante a isto é o que fazemos geralmente com o mundo. Nem todos os indivíduos de uma sociedade determinada possuem a mesma mentalidade, a mesma capacidade e idêntico poder de fazer as coisas; devem, pois, auxiliar diferentes ideais, e nós não temos o direito de criticar nenhum ideal.

Cada pessoa deve esforçar-se tanto quanto possível para realizar seu próprio ideal. Não é justo que eu seja julgado por vossos métodos, nem os vossos pelos outros. A macieira não deve ser julgada como se fosse um carvalho, nem o carvalho como uma macieira. Para julgar a macieira deveis aplicar o sistema da macieira, e para o carvalho, o seu próprio sistema.

Unidade na variedade é o plano da criação. Por muito que os homens e mulheres sejam diferentes entre si, há uma unidade fundamental. Os diferentes caracteres individuais e as diversas classes de homens e mulheres são variações naturais na criação. Por isto não devemos julgar sempre da mesma forma nem abdicar do nosso ideal. Tal procedimento só dá lugar a uma luta antinatural, e o resultado é que o homem começa a odiar a si mesmo e se vê impedido de ser um bom religioso. Nosso dever é ajudar para que cada um viva melhor o seu ideal, esforçando-se ao mesmo tempo para que este ideal se aproxime o mais possível da verdade.

Na ética hindu este fato foi reconhecido há muito tempo; suas escrituras estabelecem diferentes regras para as várias classes de homens: para o chefe de família, para o *sannyasin* (o que renunciou ao mundo) e para o estudante.

A vida do indivíduo, segundo as escrituras hindus, tem seus deveres particulares, à parte dos que interessam à comunidade. O hindu principia a sua vida como estudante, depois se

casa e se converte em chefe de família; na velhice retira-se e finalmente abandona o mundo e se torna *sannyasin*. Estas diferentes etapas de sua vida estão determinadas por certos estados. Nenhum desses estados é considerado superior ao outro; a vida do casado é tão nobre como a do celibatário que se dedicou à obra religiosa.

O varredor da rua é tão importante e glorioso como o rei em seu trono. Tirai este do seu trono e obrigá-lo a realizar o trabalho do varredor, e vereis como ele se comporta. Colocai o varredor no trono e vereis como governa. É inútil dizer que o homem que vive fora do mundo é maior do que o que vive nele. É muito mais difícil viver no mundo e adorar a Deus, do que abandoná-lo e viver uma vida pobre e cômoda.

As quatro classes da Índia foram ultimamente reduzidas a duas: a de chefe de família e a de monge. O chefe de família se casa e cumpre os seus deveres de cidadão; e o dever do outro é dedicar todas as suas energias à religião, pregar e adorar a Deus.

Dir-vos-ei algumas passagens do Maha-Nirvana-Tantra, que trata deste assunto, e vereis que é uma tarefa difícil ser um homem chefe de família e cumprir ao mesmo tempo todos os seus deveres.

“O chefe de família deve ser devoto de Deus: o conhecimento de Deus deve constituir a finalidade de sua vida. No entanto, deve trabalhar constantemente, cumprir seus deveres e abandonar os frutos de suas ações a Deus.

É coisa muito difícil trabalhar e não se preocupar com os resultados, ajudar um homem e não pensar no agradecimento, fazer alguma boa obra renunciando de antemão o proveito econômico e moral que nos pudesse resultar. Até o mais tímido covarde se torna valente quando o mundo o enaltece.

Um louco pode executar ações heroicas quando a sociedade as aprova e aplaude, porém, um homem ser sempre bom sem contar com a aprovação de seus semelhantes, é em verdade o maior sacrifício que pode fazer! O dever do chefe de família é ganhar o sustento para ele e os seus, porém deve ter o cuidado de não fazê-lo valendo-se de mentiras ou enganos, nem roubando aos seus semelhantes; deve lembrar que sua vida é para Deus e os pobres.

Sabendo que o pai e a mãe são os representantes visíveis de Deus, o chefe de família deve tratar de agradá-las por todos os meios ao seu alcance. Se o pai e a mãe estão contentes, Deus está satisfeito com o filho. É realmente um bom filho aquele que nunca diz palavras grosseiras a seus pais.

Diante dos pais não deve mostrar-se engraçado, nem revelar impaciência ou raiva. Em presença do pai e da mãe, o filho deve inclinar-se respeitosamente, permanecer de pé, e não sentar-se sem que eles lhe ordenem.

Se o chefe de família tem alimentos, bebidas e roupa sem olhar primeiro se seus pais, filhos, esposa e pobres estão necessitando destas coisas, ele comete pecado. A mãe e o pai são as causas de seu corpo; por conseguinte, o filho deve sofrer todos os aborrecimentos para fazê-los felizes.

Do mesmo modo são os seus deveres para com a sua esposa; ninguém deve desprezá-la; deve considerá-la como se fosse sua própria mãe. E ainda quando se encontre em dificuldades, o marido não deve irritar-se com a esposa.

Aquele que pensa numa mulher a não ser sua esposa, e a prejudica mesmo que seja mentalmente, vai para o inferno.

Diante de mulheres não se deve dizer palavras grosseiras, nem se gabar. Não se deve dizer: “Eu fiz isto ou aquilo”.

O chefe de família deve agradar sua esposa com dinheiro, roupas, amor, fé e palavras doces, sem aborrecê-la. O homem que conquistou o amor de uma casta esposa, alcançou um grande êxito em sua religião e possui todas as virtudes”.

São os seguintes os deveres dos pais para com os filhos:

“Um filho deve ser criado carinhosamente até os quatro anos; instruído até os dezesseis; aos vinte, empregado, nalgum trabalho, e então ser tratado afetuosamente pelo pai como seu igual. Da mesma forma deve ser tratada uma filha, e educada com o maior cuidado. E quando se casar, o pai deve dar-lhe joias e bens.

“Depois, o dever do homem é atender seus irmãos e irmãs, e os filhos destes se são pobres; e ainda os demais parentes, seus amigos e serviçais. É seu dever auxiliar as pessoas da mesma povoação, os pobres e todos os necessitados de ajuda. Se um homem possui meios suficientes e não ajuda seus parentes e pobres, é considerado um bruto e desumano.

“Deve evitar excessiva atração por alimentos, roupas, cuidados com o corpo, pois que isto ressumbra luxo. O chefe de família deve ser puro de coração e limpo de corpo, sempre ativo e disposto a agir. “Para com os seus inimigos deve ser herói. É dever seu resistir-lhes. Este é o dever do chefe de família. Não deve lamentar-se nem mostrar-se passivo. Se não se comporta como herói perante os inimigos, ele deixa de cumprir o seu dever. Para os amigos e parentes deve ser manso como um cordeiro.

“É dever do chefe de família não reverenciar os malvados, porque se os reverencia, estimula-lhes a perversidade. Cometerá grande erro se não considerar os que são dignos de respeito ou as pessoas honradas. Não deve ser demasiadamente pródigo de sua amizade; deve observar as ações e as atitudes

das pessoas com as quais deseja ter amizade, e só se tornar amigo delas depois de bem observá-las.

“Deve abster-se destas três coisas: falar de si mesmo, proclamar seu nome e seus poderes e referir-se às riquezas e aos segredos que os outros lhe confiaram.

“O homem não deve dizer se é pobre ou rico, nem jatar-se de sua fortuna. Não deve consultar opiniões alheias. Tudo isto é dever religioso, não é uma vã sabedoria profana; se o homem não cumprir estes preceitos, deverá ser considerado imoral.

“O chefe de família é a base do edifício social; o que mais possui. O pobre, o débil, as crianças e as mulheres que não trabalham, dependem do chefe de família; portanto, ele deve cumprir os seus deveres sem se sentir humilhado. Se se mostra fraco ou cometeu algum erro, não deve falar em público, e se te me fracassar em qualquer empreendimento, não devia falar nele.

“Pôr-se em evidência não somente é impróprio como o torna inapto para a execução de seus legítimos deveres na vida. Ao mesmo tempo deve esforçar-se para adquirir conhecimentos e fortuna. Este é o dever, e se não o cumpre, não será considerado. O chefe de família que não se esforça por conseguir fortuna, é desconsiderado, porque dele dependem centenas de pessoas. Se obtiver fortuna, estas pessoas poderão gozar dela.

“Se não fossem centenas de homens que têm se esforçado para se tornarem ricos e o têm conseguido, o que seria desta civilização, destes asilos e destes grandes edifícios?

“Nestes casos não é, censurável buscar riqueza, porque é para distribuí-la. O chefe de família é o centro vital de qualquer sociedade. Para ele é um culto adquirir e gastar nobre-

mente a riqueza, pois o que luta para tornar-se rico por meios lícitos e propósitos bons, está fazendo praticamente a mesma coisa que o anacoreta em sua cela, orando, pela salvação das almas. Em ambos encontramos o mesmo aspecto de uma mesma virtude, que é a abnegação e sacrifício inspirados pelo sentimento de devoção a Deus e a tudo quanto é seu.

“Deve lutar para adquirir um bom nome; não deve jogar nem frequentar a companhia de malvados, nem mentir nem provocar inquietude a ninguém.

“Comumente os homens empreendem coisas que não podem realizar, e buscam enganar e enganam as pessoas que possuem os meios que lhes faltam. Há também o fator tempo. O que no momento é um fracasso, pode em seguida transformar-se em êxito.

“O chefe de família deve dizer a verdade, falar carinhosamente, utilizando-se das expressões que condizem com a cultura daquele que as ouve; não deve falar da vida alheia.

“O chefe de família, fazendo lagos, plantando árvores à beira dos caminhos, construindo logradouros e abrigos para homens e animais, abrindo estradas e construindo pontes, alcança a mesma meta que o maior dos yogues”.

Esta é uma parte da doutrina de Karma Yoga a atividade e dever do chefe de família. Mais além se diz: “Se o chefe de família morre na batalha, lutando pelo seu país ou por sua religião, chega à mesma meta que o yogue pela meditação”, mostrando assim que o que é dever para um não o é para outro. Isto não quer dizer, que este dever humilhe e o outro eleve; cada dever tem seu lugar adequado, e segundo as circunstâncias em que nos achemos colocados, assim será a maneira de cumprirmos os nossos deveres.

Do mesmo modo se infere que a debilidade é condenável. Esta ideia particular de nossos ensinamentos ocorre tanto na filosofia como na religião e no serviço. Se lerdes os “Vedas”, encontrareis muitas vezes repetida esta palavra: “intrepidez”. O temor denota debilidade. Um homem deve cumprir o seu dever sem se preocupar com a crítica dos demais.

Se um homem se isola do mundo para adorar a Deus, não deve pensar que aqueles que ali vivem e agem não estão adorando a Deus. Nem os que vivem no mundo dedicados às suas esposas e filhos devem pensar que os que o abandonaram sejam desprezíveis e vagabundos. Cada um é grande em seu meio. Ilustrarei este pensamento com um conto.

Certo rei costumava formular esta pergunta aos *sannyasins* que chegavam ao seu país: “Qual é o homem de maior mérito: o que abandona o mundo e se torna *sannyasin* ou o que vive no mundo e cumpre os seus deveres de chefe de família?” Muitos sábios tinham pensado em resolver este problema. Uns asseguravam que o *sannyasin* era o de maior mérito; porém o rei lhe pedia que provasse esta afirmação. Quando não conseguiam fazê-lo, ordenava-lhes a se tornarem chefes de família. Outros diziam: “O chefe de família que cumpre seus deveres, é o homem meritório por excelência”. Ao que o rei respondia pedindo provas. Quando não podiam dar-lhes, ordenava-lhes que fossem chefes de família.

Chegou por último um jovem *sannyasin* a quem o rei dirigiu a mesma pergunta. “Cada um, oh! rei, é grande em seu próprio meio”. Prova-o, disse o rei. “Provar-vos-ei”, respondeu o *sannyasin*, “porém primeiro deveis vir viver comigo durante alguns dias para que eu possa prová-lo”. O rei consentiu e seguiu o *sannyasin* fora de seu território. Atravessaram muitos países, até chegarem a um grande reino em cuja capital se rea-

lizava uma solene cerimonia. O rei e o *sannyasin* ouviram o ruído dos tambores e das músicas, e também dos discursos;

O povo estava reunido nas ruas enfeitadas de flores. O rei e o *sannyasin* pararam para ver e ouvir o que se passava. O pregador proclamava em alta voz que a princesa, filha do rei daquele país, estava ali para escolher esposo entre os que apa- rescessem diante dela.

Era um antigo costume da Índia que as damas escolhes- sem esposo desta maneira; cada uma tinha uma ideia sobre a classe de homem que ela desejava para marido: umas preferi- am o mais rico, e assim sucessivamente. Os príncipes dos paí- ses vizinhos se apresentavam ante ela com suas mais luxuosas vestes. As vezes também se serviam de pregadores que apre- goavam suas qualidades e as razões que os levavam a alimen- tar a esperança de ser os preferidos. A princesa era conduzida em seu trono de um lado a outro, com grande pompa. Olhava os admiradores, ouvia suas declarações e se não lhe agrada- vam, dizia: “Adiante”, esquecendo-se por completo dos pre- tendentes desprezados. Se, pelo contrário, algum lhe agradava, atirava sobre ele uma coroa de flores, e casavam-se.

A princesa do país no qual o nosso rei e *sannyasin* ti- nham chegado, celebrava uma dessas interessantes ceremonias. Era a princesa mais bela do mundo, e seu esposo governaria seu reino depois da morte de seu pai. O gosto da princesa era casar-se com o mais formoso, porém não encontrava nenhum que a agradasse. Várias vezes já esta cerimônia havia se reali- zado, porém a princesa não escolhera o esposo. Esta reunião era a mais bela de todas, e a mais concorrida. A princesa sur- giu em seu trono, conduzida pelos seus cortesãos. Parecia não olhar para ninguém, e todos começaram a ficar descontentes. Neste momento chegou um jovem, um *sannyasin*, belo como o

sol descendo à terra, e colocou-se num recanto para observar o que estava acontecendo.

O trono com a princesa foi levado até ele, e logo que ela o viu, parou e atirou-lhe a grinalda sobre o peito. O jovem *sannyasin* devolveu-a, dizendo: “Que absurdo é este? Eu sou um *sannyasin*. A mim que me importa o matrimônio?” O rei pensou que aquele homem fosse pobre e por esse motivo não se atrevia a casar-se com a princesa, e então lhe disse: “Com minha filha te entrego metade do meu reino agora, e o resto depois de minha morte, e pôs novamente a grinalda na cabeça do *sannyasin*. O jovem a devolveu de novo, dizendo: “É, um absurdo. Não preciso casar-me”. E seguiu rapidamente o seu caminho. Mas a princesa, que se tinha enamorado profundamente daquele jovem, disse: “Se não me casar com ele, morrerei”, e foi-lhe ao encaço.

Então o nosso *sannyasin* disse ao rei: “Rei, sigamos este par”, e caminharam atrás dele uma distância regular. O jovem *sannyasin* que havia recusado casar-se, internou-se mato a dentro algumas milhas. Chegou então a um bosque, onde penetrou seguido da princesa, e ambos, por sua vez, eram seguidos pelos outros dois personagens. Mas o cobiçado *sannyasin* conhecia muito bem o bosque com suas intrincadas sendas, de modo que logo desapareceu, sem que a princesa pudesse descobri-lo. Depois de procurá-lo em vão, durante muito tempo, sentou-se sob uma árvore e começou a chorar, pois não sabia como sair do bosque. Neste momento nosso rei e o *sannyasin* se aproximaram e lhe disseram: “Não choreis; ensinar-vos-emos o caminho para sair daqui, porém a esta hora já está muito escuro. Ali está uma árvore frondosa, descansemos sob sua copa, que pela manhã partiremos cedo e vos mostraremos o caminho”.

Naquela árvore morava um passarinho com sua companheira e seus filhinhos. O passarinho olhou para baixo, e ao ver

os estrangeiros, disse à sua esposa: “Que faremos, querida? Há três hóspedes em casa; faz frio e não temos fogo”. Começou a voar e conseguiu um pequeno tição de fogo; levou-o no bico e deixou-o cair entre os hóspedes que lhe ajuntaram lenha e puderam acender bom fogo. Porém o passarinho não estava satisfeito. De novo disse à sua esposa: “Que faremos, querida? Estas pessoas têm fome e não temos alimentos. Somos donos da casa; nosso dever é dar alimento a todos os que chegam à nossa porta. Devo fazer o que possa, e lhes darei meu corpo”. Dito isto, lançou-se em meio do fogo e pereceu. Os hóspedes o viram cair e trataram de salvá-lo, porém não houve tempo.

A companheira do passarinho viu o que seu esposo havia feito e disse: “Aqui há três pessoas, e elas só têm um pássaro para comer. Não é bastante; meu dever, como esposa, é não deixar que tenham sido vãos os esforços de meu esposo. Que os hóspedes disponham de meu corpo também!” E atirou-se à chama, que a queimou.

Então os três filhotinhos, ao verem que ainda não era suficiente o alimento para os três hóspedes, disseram: “Nossos pais fizeram o que puderam e todavia não basta. Nosso dever é continuar sua obra. Que vão nossos corpos também!” E se atiraram igualmente ao fogo.

Assombrados com o que viram, os personagens não puderam, como é lógico, comer aqueles pássaros. Passaram a noite sem comer, e de manhã o rei e o *sannyasin* indicaram o caminho à princesa, que regressou para a casa de seu pai.

Então o *sannyasin* disse ao rei: “Rei, vistes como cada um é grande em seu próprio meio. Se quiserdes viver no mundo, vivei como aqueles pássaros, disposto a qualquer momento a vos sacrificardes pelos outros. Se quiserdes renunciar a ele, sede como aquele jovem, para quem a mais formosa mulher e um reino nada significaram. Se quiserdes ser um chefe de fa-

mília, fazei com que vossa vida seja um sacrifício pelos demais. Se escolherdes a vida da renúncia, não olheis a beleza nem o dinheiro, nem o poder. Cada um é grande em seu próprio meio; porém o dever de um não é o dever do outro”.

Capítulo 3 – O Segredo do Trabalho

Ajudar os outros aliviando suas necessidades físicas é muito importante, porém o auxílio é tanto maior quanto maior é a necessidade e duradouro o auxílio. Se as necessidades de um homem podem ser aliviadas durante uma hora, devemos ajudá-lo; se podem ser remediadas por um ano, o auxílio será maior; porém se for eliminado para sempre, este será, sem dúvida, o melhor auxílio que lhes será prestado.

O conhecimento espiritual é o único que pode destruir nossas misérias para sempre; os demais só satisfazem as necessidades por algum tempo. O conhecimento do espírito é o único que consegue destruir para sempre o desejo; assim, o auxílio espiritual é o mais elevado auxílio que se pode oferecer ao homem. Quem dá conhecimento espiritual é o maior benfeitor do gênero humano, e por isto vemos que foram sempre os homens de maior poder que auxiliaram a humanidade em suas necessidades espirituais, porque a espiritualidade é a verdadeira base de nossa vida.

Um homem são e espiritualmente forte, será forte em qualquer outro aspecto, se assim o desejar; enquanto não houver fortaleza espiritual no homem, nem mesmo suas necessidades físicas poderão ser satisfeitas. Depois do auxílio espiritual vem o intelectual; a dádiva de conhecimento é muito mais elevada do que a de alimento e roupa; é ainda maior do que a de dar vida a um homem, porque a vida deste consiste realmente no conhecimento. A ignorância é morte, o conhecimento é vida. E esta é de pouco valor se transcorre na obscuridade, engolfada na ignorância e na miséria.

Vem em seguida o auxílio físico. Ao considerarmos a questão do auxílio ao demais, devemos tratar sempre de não cometer o erro de crer que o auxílio físico é o único que se pode dar. Não só é o último como também o menor, pelo motivo de não produzir uma satisfação permanente.

A necessidade que sinto quando tenho fome, satisfaço-a comendo, porém, a fome volta; meu sofrimento só termina quando estou satisfeito, acima de toda necessidade. Então a fome não me fará infeliz; nenhum sofrimento nem dor poderá comover-me. Portanto, aquele auxílio que tende a nos tornar espiritualmente fortes, é o mais elevado; segue o intelectual, e em último lugar o físico.

As misérias deste mundo não podem ser resolvidas somente pelo auxílio físico; enquanto a natureza do homem não mudar, as necessidades físicas persistirão, bem como as desventuras, sem que auxílio físico algum possa remediá-las totalmente. A única solução está em purificar a humanidade. A ignorância é a mãe de todos os males e misérias. Quando o homem tiver luz, e for puro e espiritualmente forte e educado, então a miséria findará. Ainda que convertamos nossas casas em asilos de caridade e povoemos a terra de hospitais, as misérias humanas não terminarão enquanto não se mudar a índole do homem.

Lemos, no *Bhagavad-Gita*, repetidas vezes, que todos devemos trabalhar incessantemente. Toda obra é por sua própria natureza composta de bem e mal. Não podemos realizar obra alguma que não redunde em benefício de algo ou de alguém; nem pode haver coisa alguma que não provoque mal em algum lugar. Em cada ação tem que haver necessariamente partes de bem e de mal; no entanto nós aconselham que atue-mos sem parar. Ambos, o bem e o mal, produzirão seus resultados, seu *karma*.

A boa ação nos trará bom efeito, e a má, a sua má consequência; porém, tanto uma como a outra estão ligadas à nossa alma. A solução obtida no *Gita* relativamente a esta propriedade da ação, é que, se deixamos de nos ligar à ação que praticamos, ela não produzirá nenhum efeito sobre a nossa alma. Procuremos compreender o significado desta frase: “não ligarse” à ação.

O sentido do *Gita* é o seguinte: Agir incessantemente, porém desligado da ação.

Samskara pode ser traduzido aproximadamente por “tendência inerente”. Comparando a mente com um lago, cada onda que vem à superfície não desaparece totalmente; deixa atrás de si um movimento que a pode fazer ressurgir novamente. A este movimento capaz de tornar a manifestar-se uma nova onda, é que se chama *samskara*.

Cada trabalho que cumprimos, cada movimento que realizamos, cada pensamento, deixa uma impressão na substância mental, e mesmo que esta não seja visível na sua superfície, age profundamente, isto é, subconscientemente. O que nós sabemos é determinado a cada instante pela soma destas impressões mentais. O que eu sou neste momento é o resultado das impressões de minha vida passada. A isto chamamos caráter; é o que está determinado em cada homem pela soma total de suas impressões. Se prevalecem as boas, seu caráter será bom; se o contrário, será mau.

Se um homem diz frequentemente más palavras, tem maus pensamentos e executa más ações, sua mente estará cheia de más impressões; estas influirão em seus pensamentos e ações sem que ele seja consciente delas. Portanto, estas más impressões atuam continuamente, e o resultado deve ser mau; esse homem tem que ser mau, e não poderá evitá-lo. O produto dessas impressões desenvolverá nele um forte poder que cons-

tituirá o motivo de suas más ações; será como uma máquina em mãos daquelas impressões, e estas o obrigarão a praticar o mal.

Da mesma forma, se um homem tem bons pensamentos e pratica boas ações, a soma total dessas impressões será boa, e o levará a praticar boas ações, talvez mesmo inconscientemente. Quando um homem praticou certo número de boas obras e teve bons pensamentos, experimenta uma tendência irresistível para o bem; e mesmo quando quiser praticar o mal, sua mente, que é a soma total de suas tendências, não lhe permitirá. Neste caso se diz que o bom caráter do homem já está firme.

Assim como a tartaruga oculta as patas e a cabeça dentro de sua carapaça, e embora a façais em pedaços não a descobrireis, assim o caráter do homem que tem controle sobre si está definitivamente firmado. Controla as suas forças internas e ninguém poderá modificar sua vontade. Por este contínuo reflexo de bons pensamentos, de boas impressões que se movem na superfície da mente, a tendência para o bem se robustece, resultando disto que nos sentimos capazes de controlar os *indryas* (os órgãos dos sentidos ou centros nervosos).

Só desta forma o caráter será moldado; só então o homem conhece a verdade, e já não pode fazer mal a ninguém. Podeis deixá-lo em qualquer companhia; não haverá perigo nenhum para ele.

Há, todavia, um estado superior a este: é o desejo de libertação. Deveis lembrar-vos que a liberdade da alma é a meta de todas as yogas, e cada uma destas conduz ao mesmo resultado. Por meio das obras, os homens podem chegar ao estado que Buda alcançou em grande parte pela meditação e Cristo pela devoção. Buda foi um *jnani* ativo; Cristo um *bhakta*, porém ambos alcançaram a mesma meta. A dificuldade está em

que a libertação implica inteira liberdade; liberdade de fazer o bem, tanto como de praticar o mal.

É como uma cadeia de ouro, que escraviza tanto como uma de ferro. Tenho um espinho cravado num dedo e uso outro espinho para extraí-lo; depois, atiro fora os dois; não tenho necessidade de guardar nenhum espinho, porque acima de tudo, são espinhos. Da mesma forma, as más tendências têm de ser contrapostas pelas boas, e as más impressões da mente, pelas ondas frescas e boas, até que todo o mal desapareça quase por completo, ou seja submetido e controlado num recanto da mente; porém as boas tendências também devem ser conquistadas. Desta forma o homem “ligado”, “desliga-se”. Agi, porém não permitais que a ação ou o pensamento produza uma profunda impressão em vossa mente; deixai que as ondas vão e venham. Que as ações importantes provenham dos músculos do cérebro, porém não permitais que se gravem profundamente em vossa alma.

Como pode isto acontecer? Observemos que as impressões de uma ação à qual nos ligamos perduram.

Posso encontrar-me com centenas de pessoas durante o dia, e entre elas com uma apenas a quem amo; quando chega a noite e penso em todas as fisionomias que vi, só uma se apresenta em minha mente: a que talvez me olhou menos, porém que amo; as demais se terão desvanecido. Minha atração por aquela pessoa causou em minha mente uma impressão mais profunda do que todas as outras. Fisiologicamente as impressões foram todas iguais; cada uma das fisionomias que vi se retratou na retina e o cérebro se apoderou da imagem; no entanto, o efeito na mente não foi o mesmo. Muitas das pessoas eram talvez inteiramente novas para mim, porém aquela da qual tive um rápido vislumbre, encontrou associações internas. Talvez já a tivesse gravada em minha mente durante anos, tal-

vez conhecesse muitíssima coisa sobre ela, e esta nova visão despertou centenas de recordações adormecidas em minha mente; e talvez esta impressão já fora repetida um sem número de vezes do que as outras fisionomias, e por isto produziu tal efeito em minha mente.

Por conseguinte, sabe “desligados”; deixai que as coisas atuem, porém que atuem nos centros cerebrais. Agi constantemente, porém não permitais que uma só onda domine vossa mente. Trabalhai como se fosseis estrangeiros aqui na terra; trabalhai incessantemente, porém não vos ligueis à ação; ligarse é algo terrível.

Este mundo não é nossa habitação; é somente um dos muitos estados pelos quais estamos passando. Recordai aquele grande ditado da filosofia *sânkya*: “A totalidade da natureza é para a alma, não é a alma para a natureza”. A natureza não existe senão para a educação da alma; não tem outro significado; está aqui, porque a alma deve ter conhecimento e libertarse pelo conhecimento.

Se tivéssemos sempre este pensamento, jamais nos ligaríamos à natureza; saberíamos que esta é um livro aberto que devemos ler, e que já não terá valor algum para nós quando tivermos adquirido o conhecimento que ele encerra. No entanto, nos identificamos com a natureza; pensamos que a alma lhe pertence, que o espírito é para a carne, e, como afirma o provérbio, pensamos que o homem “vive para comer” e não que “come para viver”. Consideramos a natureza como se fossemos nós mesmos e deste modo nos ligamos a ela. E quando nos ligamos a ela, em nossa alma se produz uma profunda impressão, que nos domina e nos leva a agir não como homens livres mas como escravos.

O ponto capital deste ensinamento é que devemos agir como “senhores” e não como “escravos”. Não vedes como to-

dos trabalham? Ninguém pode estar em absoluto repouso. Noventa e nove por cento dos homens trabalham como escravos e o resultado é a miséria; todos trabalham egoistamente. Trabalhai por liberdade. Trabalhai por amor. A palavra Amor é muito difícil de ser compreendida. O amor não existe, enquanto não existir liberdade. Não há possibilidade do verdadeiro amor no escravo. Se conquistais um escravo e o fazeis trabalhar em vosso proveito, ele cumprirá seu ganha-pão, porém não haverá amor nele. Do mesmo modo, quando nós trabalhamos para as coisas do mundo como escravos, não pode haver amor em nós, e o nosso trabalho não é verdadeiro trabalho.

Isto é tão certo com referência ao trabalho que realizamos para os nossos parentes e amigos, como ao trabalho feito para nós mesmos. Trabalho egoísta é trabalho de escravo, e eis aqui uma prova: Cada ato de amor acarreta felicidade; não há ato de amor que não traga paz e alegria. A existência, o conhecimento e o amor estão intimamente relacionados; onde está um também estão os outros dois. São os três aspectos do Um sem Segundo. Existência-Conhecimento-Felicidade.

Quando esta existência se torna relativa, conhecemo-la como mundo; este conhecimento se modifica logo como conhecimento das coisas do mundo, e esta felicidade constitui a base do amor que o coração do homem é capaz de sentir. Portanto, o verdadeiro amor nunca pode reagir de maneira a causar dor ao ser amado. Suponde que um homem ame uma mulher. Ele a quer só para si e a zela constantemente; necessita tê-la a seu lado; que coma e se mova a seu mandato. É escravo dela e quer possuí-la como escrava. Isto não é amor, mas apenas uma espécie de afeto mórbido de escravo. Não pode ser amor, porque provoca dor. O amor não produz reações dolorosas; o amor só produz felicidade. Quando tiverdes conseguido amar vossa esposa, esposo e filhos, a todo o mundo, ao universo, de tal modo que não haja reação de dor ou de ciúmes, nem

sentimento egoísta algum, então estareis no estado apropriado de desligar-vos.

Krishna disse: “Contempla-Me, Arjuna. Se Eu deixasse de agir um só instante, o universo todo desapareceria. Nada tenho a ganhar na ação; sou o Senhor único. Por que atuo então? Porque amo o mundo”. Deus está desligado porque ama; um amor assim verdadeiro, desfaz nossas ligações. Onde quer que haja apego pelas coisas mundanas, há atração física entre grupos de partículas de matéria; algo que atraia os corpos cada vez mais próximos e que não se podem juntar bem, produz dor, porém, onde há amor real não existem de nenhum modo atrações físicas. Tais amantes podem estar a mil milhas de distância um do outro e seu amor será sempre o mesmo; não morre, e jamais provocará dor.

Obter este desapego pode ser o trabalho de uma vida, porém, logo que o tivermos alcançado, nos encontraremos na meta do amor e conquistaremos a liberdade; nos libertaremos das cadeias da natureza e a contemplaremos tal qual é. Não conseguirá mais prendermos; seremos inteiramente livres e não tomaremos em consideração o resultado das ações. Para que nos preocuparmos com os resultados?

Pedis recompensa a vossos filhos. Nosso dever consiste em trabalhar para eles, e aí termina o assunto. Em tudo, aquilo que fizerdes por um semelhante, por uma cidade ou por um Estado, assumi idêntica atitude: não espereis recompensa. Se podeis tomar invariavelmente a posição de quem dá livremente, sem pedir recompensa alguma, então vosso trabalho não produzirá ligações. Estas somente vêm quando esperamos recompensa.

Se agir como escravos produz egoísmo e trevas, agindo como senhores de nossas próprias mentes gozaremos a felicidade de retidão e justiça; porém vemos que no mundo o reto e

o justo são palavras vãs de crianças. Há duas coisas que guiam a conduta do homem: o poder e a compaixão. O exercício do poder leva invariavelmente ao egoísmo. Os homens e as mulheres aproveitam-se tanto quanto possível do poder, ou das vantagens que dele podem tirar.

A compaixão é a essência do céu. Para ser bons, devemos ser clementes. Até a justiça e o direito devem ser apoiados na clemência. Pensar em tirar proveito da obra que realizamos, prejudica nosso progresso espiritual; ainda mais: provoca a miséria. Há outra maneira de levar à prática a misericórdia e a caridade altruísta: é considerar as obras como “adoração” (quando cremos num Deus pessoal). Deste modo abandonamos o fruto de nossas ações ao Senhor; e adorando assim, não temos o direito de esperar nenhuma gratidão pelas obras que fazemos.

O Senhor age incessantemente e está sempre livre de ligações. Assim como a água não pode molhar a folha do Loto, assim também a obra não pode escravizar o homem altruísta. O altruísta e desligado pode viver em meio da multidão de uma cidade pecadora e não ser manchado pelo pecado.

Esta ideia de abnegação absoluta está ilustrada no seguinte conto: Depois da batalha de Kurukshetra, os cinco irmãos *pândavas* celebraram um imponente sacrifício, dando ao mesmo tempo esmolas aos pobres. Todos estavam assombrados ante a magnificência do sacrifício e diziam que nunca se vira outro igual no mundo. Mas depois da cerimônia chegou ali um pequeno rato, cuja metade do corpo era dourada e outra metade parda. Principiou então a espojar-se no assoalho da sala do sacrifício, e depois disse: “Isto não é sacrifício”. “Como?”, disseram, “dizes que isto não é sacrifício? Ignoras quanto dinheiro e joias foram distribuídos aos pobres e quanto cada

um deles se tornou rico e feliz? Este foi o sacrifício maior que um homem já realizou.

Porém o ratinho retrucou: “Certa vez, numa pequena aldeia residia um pobre brâmane com sua esposa, seu filho e sua nora. Eram muito pobres e viviam das pequenas dádivas que lhes eram oferecidas por pregarem e ensinarem. Aquela cidade passou por um período de fome durante três anos e o pobre brâmane sofreu muito mais do que outrora. Finalmente, quando à família que há dias já não se alimentava, o pai trouxe uma maçã e um pouco de farinha de cevada que tivera a sorte de conseguir, dividiu tudo em quatro partes iguais e deu uma a cada familiar. Preparavam-se para comê-la, porém nesse momento bateram à porta. O pai a abriu e apareceu um hóspede. (É bom saber que na Índia um hóspede é pessoa sagrada: é considerado como um Deus enquanto dura a hospedagem, e deve ser tratado com devoção). Então o pobre brâmane lhe disse: “Entrai, Senhor; bem-vindo sejais”. Pôs diante do hóspede seu alimento, que ele comeu rapidamente, dizendo: “Oh! Senhor, faz dias que não como, e este alimento ainda veio aumentar a minha fome”. Então a esposa disse a seu marido: “Dá-lhe a minha parte”, ao que ele disse: “não”. Porém ela insistiu, dizendo: “Está aqui um esfomeado e nosso dever como chefes de família é dar-lhe de comer. Como esposa cumpro o meu dever dando a minha parte, visto que não tens nada mais para lhe oferecer”. E a deu. Mas, depois de comê-la, o hóspede ainda estava com fome. Em vista disso, o filho disse: “Tomai também a minha parte. O dever de um filho é ajudar os pais a cumprirem suas obrigações”. O hóspede comeu, mas não se mostrou satisfeito, e por isto a esposa do filho lhe deu a sua ração. O hóspede saiu bendizendo-os. Naquela mesma noite, os quatro morreram de fome.

Alguns grãos daquela farinha caíram no chão, e ao esporjar-me nela, a metade de meu corpo ficou dourado, como ve-

des. Desde então venho correndo o mundo inteiro, procurando outro sacrifício como aquele, porém em nenhuma parte o encontro, o que não me permitiu dourar a outra parte do meu corpo. Portanto, afirmo que isto não é sacrifício.

A caridade começa a desaparecer na Índia; os grandes homens diminuem em número. Quando estudava inglês, li um conto sobre um menino que trabalhava e dava algo à sua mãe, e por isso era elogiado! Que significa isto? Nenhum menino hindu poderá compreender esta espécie de moral. Eu a compreendo agora depois de conhecer a ideia ocidental: cada qual para si; e alguns homens ficam com tudo o que possuem, abandonando pais, mães, esposas e filhos! Este não deve ser nunca o ideal de um chefe de família.

Estais agora em condições de compreender um karma-yogue: ajudar, ainda que seja à custa de sua vida, dos seus semelhantes, sem esperar o fruto da ação. Mesmo quando fordes enganados milhões de vezes, não vos impressioneis nem penseis no que estais fazendo. Nunca vos orgulheis de vossas esmolas aos pobres, nem espereis sua gratidão; ficai, ao contrário, agradecido porque tivestes ocasião de praticar a caridade. Também vereis claramente que ser perfeito chefe de família é muito mais difícil do que ser *sannyasin*. A verdadeira vida de trabalho é, em verdade, tão dura, se não mais, do que a verdadeira vida de renúncia.

Capítulo 4 – O Que é o Dever?

No estudo de Karma-Yoga é preciso saber o que é o dever. Se devo fazer algo, primeiramente devo conhecer meu dever. A ideia do dever é diferente em cada nação. Os maometanos afirmam que o que está escrito no *Corão* é seu dever; os hindus o que está nos *Vedas*, e os cristãos o que está na *Bíblia*. Vemos, pois, que há diversas ideias sobre o dever, as quais mudam segundo os estados da vida, os períodos históricos e as nações. É impossível definir claramente o termo “dever”, bem como nenhum outro termo abstrato universal; só podemos fazer uma ideia do que ele representa, mediante o conhecimento de seus resultados.

Quando certos acontecimentos ocorrem em nossa presença, experimentamos um impulso natural ou adquirido a agir de certa maneira; quando surge este impulso, a mente reflete sobre a situação; umas vezes pensa que é bom agir de certo modo em certas condições, e outras que é injusto fazê-lo em condições idênticas. O conceito mais universal do dever é que o homem bom deve agir de acordo com a sua consciência. Porém, como se pode atribuir que um ato se converta em dever? Se um cristão encontra um pedaço de carne e não o come para salvar sua própria vida, nem para conservar a de outrem, sem dúvida sentirá que não cumpriu o seu dever. Porém, se um hindu se atreve a comê-la ou dá-la a outrem, com certeza sentirá também que não cumpriu o seu dever.

No século passado teve grande popularidade na Índia um bando de ladrões chamados *thugs*; acreditavam que seu dever consistia em matar a todos quantos fossem ricos e tirá-lhes o dinheiro; quanto maior fosse o número de vítimas, tanto

mais se estimavam a si mesmos. Porém, geralmente, se um homem sai à rua e mata um semelhante, sente remorso e percebe que praticou um mal; porém, se este mesmo homem como soldado de um regimento, mata não um, mas vinte, com certeza se sente feliz e pensa que cumpriu seu dever. Dar uma definição do dever é, pois, impossível. No entanto, existe o dever em seu aspecto subjetivo.

Qualquer ação que nos aproxime de Deus, é boa e representa nosso dever; qualquer outra que nos afaste de Deus, é má e não representa nosso dever. Do ponto de vista subjetivo, vemos que certos atos têm tendência a exaltarmos e enobrecer-nos, enquanto que outros tendem a nos degradar e embrutecer. Mas não é possível estabelecer com certeza o resultado que determinados atos terão nas pessoas. Há, no entanto, um conceito do dever que foi universalmente aceito, em todas as idades, seitas e países, e que está sintetizado neste aforismo sânscrito: “Não façais mal a nenhum ser. Não fazer mal a ninguém é virtude; fazer mal a alguém é pecado”.

O *Bhagavad-Gita* alude frequentemente aos deveres que dependem do nascimento e da posição social. O nascimento, a posição na vida e na sociedade determinam, em grande parte, a atitude moral e mental dos indivíduos e as suas diversas atividades na vida. Portanto, nosso dever é praticar a ação que nos exalte e enobreça de acordo com as atividades e ideias da sociedade na qual nascemos. Devemos, porém, recordar muito particularmente que os mesmos ideais e atividades não prevalecem em todas as sociedades e países; a ignorância deste preceito é a causa principal dos ódios entre nações. O americano pensa que quando realiza um acordo segundo os costumes de seu país, este é o melhor, e quem não agir da mesma forma, é malvado. O hindu crê que seus costumes são os melhores do mundo e quem os não pratica são perversos para os seres hu-

manos. Este erro é muito comum, porém é muito prejudicial, porque é causa da metade dos egoísmos existentes no mundo.

Quando visitei a exposição de Chicago, alguém me tirou o turbante. Olhei e vi que se tratava de um homem muito bem vestido e de boa aparência. Falei-lhe, e como o fiz em inglês, ficou envergonhado. Noutra ocasião, achando-me no mesmo local, alguém me deu um empurrão. Quando lhe perguntei porque fazia isto, me disse envergonhado: “Por que vos vestis desta maneira?” As simpatias dos dois homens estavam limitadas à sua maneira de falar e de vestir. A opressão que as nações poderosas exercem sobre as mais débeis, é causada por este princípio: falta de fraternidade. O homem que me perguntou por que não me vestia como ele e o que me maltratou por causa do meu traje, talvez fossem bons, excelentes pais e corretos cidadãos; porém, sua bondade desapareceu diante de um homem vestido de maneira diferente. Os estrangeiros são explorados em todos os países porque não sabem como se defenderem; por isso levam à sua terra falsas impressões dos povos que visitaram. Os maridos, soldados e comerciantes se comportam de modo diferente; talvez por isto os chineses chamem aos europeus e americanos “diabos estrangeiros”. Não diriam assim se conhecessem o lado bom e generoso dos ocidentais.

Por conseguinte, devemos sempre nos habituar a observar o dever dos demais segundo o seu ponto de vista e não julgar os costumes dos outros povos de acordo com os nossos usos. Devo acomodar-me ao mundo e não ele a mim. Assim, vemos que o ambiente corrige a índole de nossos deveres e o melhor que temos a fazer no mundo é cumprir nossos deveres a todo o momento.

Cumpramos primeiramente nossos deveres naturais, e assim cumprimos o dever correspondente à nossa posição social na vida. Existe, no entanto, um mal considerável na na-

tureza humana. É que ninguém se observa a si mesmo. Crê ser sempre digno de ocupar um trono como o próprio rei; no entanto, mesmo que saiba cumprir primeiro os deveres de sua posição, outros lhe advirão mais elevados.

Quando trabalhamos com entusiasmo, a natureza nos recompensa de toda a forma e logo nos coloca na posição apropriada. Nenhum homem pode ocupar por muito tempo a posição à qual não está adaptado. De nada serve queixar-se e indispor-se com a natureza. Quem executa uma tarefa inferior, nem por isto é um homem inferior. Ninguém deve ser julgado pela natureza de seus deveres, e sim pela maneira e espírito com que os executa.

Mais tarde constataremos que a ideia de dever sofre mudanças e que a obra maior só se cumpre quando não existe nenhum motivo egoísta. No entanto, a obra realizada com um dever é a que nos faz atuar independentemente da ideia de dever. Quando a obra se converte em culto, a realizamos por amor a ela mesma. Diremos que a teoria do dever é idêntica nas outras yogas, sendo seu objetivo a atenuação do eu inferior para que o Eu superior possa brilhar; isto é, diminuir a perda de energias no mundo inferior de existência para que a alma possa manifestar-se em planos mais elevados. Isto se alcança pelo cumprimento do dever, que é a causa da perda dos desejos inferiores. A organização social vem se desenvolvendo desta forma, consciente ou inconscientemente, no campo da ação e experiência, onde, pela limitação do egoísmo, damos lugar a uma ilimitada expansão da verdadeira natureza do homem.

O dever raras vezes é agradável; só quando o amor o impulsiona consegue evitar os atritos. Se assim não fosse, como poderiam os pais cumprir os deveres para com seus filhos? Os esposos para com suas esposas e vice-versa? Não vemos diariamente como os seres se desentendem? O dever é agradável

vel se realizado com amor, porém o amor não brilha em todo o seu esplendor quando se tira a sua liberdade de expressão. É livre aquele que é escravo dos sentidos, da cólera, dos ciúmes e de inumeráveis erros que ocorrem na vida humana? Em todas as asperezas que encontramos na vida, a mais alta expressão de liberdade consiste em suportá-las com paciência. As mulheres escravas de seus próprios temperamentos, irritáveis e ciumentas, estão propensas a culpar os seus maridos, e a afirmar sua “liberdade” tal como elas a entendem, ignorando que de tal modo provam ser escravas.

A castidade é a primeira virtude do homem e da mulher, e é muito raro o homem que, por extraviado que esteja, não seja atraído por uma terna e casta esposa. O mundo não é, apesar de tudo, tão mau como parece. Muito se fala de maridos brutais e de impureza dos homens, porém, não é certo que existe o mesmo número de mulheres brutais e impuras? Se as mulheres fossem tão boas e puras como o são as suas frequentes afirmações, seguramente não haveria no mundo um só homem impuro. Que brutalidade existe que não possa ser conquistada pela castidade e pureza? Uma boa e casta esposa para quem todos os homens, exceto seu esposo, são como filhos, e que assume para todos eles uma atitude de mãe, se tornará tão grande no poder de sua pureza que não haverá um só homem, por brutal que seja, que não sinta uma atmosfera de santidade em sua presença. Do mesmo modo, cada homem deve olhar todas as mulheres, exceto a sua, como olharia sua própria mãe, filha ou irmã. De outro lado, o honrem que ministre religião deve considerar todas as mulheres como se fossem sua própria mãe, e portar-se diante delas como um filho.

A posição da mãe é: a mais elevada do mundo, pois é o único posto onde podemos aprender e praticar o altruísmo. O amor a Deus é o único que supera o amor de mãe; todos os demais são inferiores. O dever da mãe é pensar primeiro em

seus filhos e depois em si mesma. Mas, se os pais pensam primeiramente em si mesmos, o resultado será que entre pais e filhos se estabelece a mesma relação que entre os pássaros e sua descendência, os quais logo que podem voar, desconhecem os pais.

Bendito, em verdade, é o homem que pode olhar todas as mulheres como a representação da maternidade de Deus. Benditas, em verdade, as mulheres para as quais os homens representam a paternidade de Deus. Benditos os filhos que consideram seus pais como a Divindade manifestada na terra.

A única maneira do homem progredir é cumprir os deveres com os mais próximos, e deste modo ir acumulando forças para poder ir mais alto. Um jovem *sannyasin* foi a um bosque; ali meditou, adorou e praticou yoga por muito tempo. Depois de alguns anos de rude trabalho, achando-se um dia sentado sob uma árvore, caíram sobre sua cabeça umas folhas secas. Olhou para cima e avistou um corvo e uma gralha que discutiam no alto da árvore. Muito contrariado, lhes disse: “Como vos atreveis a atirar estas folhas secas sobre a minha cabeça?, e como ao pronunciar estas palavras os olhou colérico, de sua cabeça saiu um raio de fogo que converteu os pássaros em cinza. Sentiu-se então muito feliz pelo desenvolvimento desse poder; podia fulminar um corvo e uma gralha só com um olhar. Passado algum tempo, precisou ir à cidade mendigar pão. Chegou à porta de uma casa e disse: “Mãe, dá-me de comer?” Ao que respondeu uma voz: “Espera um pouco, filho meu”. O jovem pensou: “Desgraçada mulher, como vos atreveis a fazer-me esperar? Ainda não conheceis meu poder”. Enquanto pensava isto, ouviu-se de novo a voz que dizia: “Menino, não vos envaideçais tanto, pois aqui não há corvos nem galhas”.

O *sannyasin*, todo assombrado, ficou esperando. Por fim, apareceu uma mulher, e ele, caindo a seus pés, lhe disse:

“Mãe, como sabias isto?” E ela respondeu: “Filho meu, eu não conheço vossa yoga nem vossas práticas. Sou uma mulher vulgar. Filo esperar porque meu marido está doente e o estava atendendo. Toda a minha vida me esforcei por cumprir meu dever. Quando era solteira, cumpria meus deveres para com os meus pais; agora, que sou casada, cumpro meus deveres como esposa; esta é toda a yoga que pratico. Todavia, cumprindo o meu dever, cheguei a ser iluminada; por isto posso ler vossos pensamentos e saber o que haveis feito no bosque. Se quereis saber algo de mais elevado, ide ao mercado da cidade e ali encontrareis um *vyadha*, que vos ensinará algo que deveis saber”. O *sannyasin* pensou: “Para que hei de ir a esta cidade para ver um *vyadha*?” Mas depois resolveu ir. Quando chegou à cidade, encontrou um mercado a certa distância e viu um carnicheiro grande e gordo que cortava a carne com uma enorme faca, falando e comerciando com várias pessoas. O jovem disse: “Valha-me, Senhor. É este o homem de quem tenho de aprender? Parece a encarnação do demônio”.

O homem o olhou e disse: “Olá, *swami*! Fostes mandado aqui por aquela senhora? Sentai-vos um pouco até que eu termine minhas obrigações”. O *sannyasin* pensou: “O que irá me acontecer?” Sentou-se. O homem continuou seu trabalho, e uma vez terminado, pegou o dinheiro e disse ao *sannyasin*: “Vinde, Senhor; vinde à minha casa”. Quando chegaram, ele lhe ofereceu um assento e lhe disse: “Esperai-me aqui”, e foi para o interior da casa. Aí, lavou seus velhos pais, deu-lhes de comer e fez tudo quanto foi possível por agradá-los, depois do que se voltou para o *sannyasin* e perguntou: “Que posso eu fazer por vós?” O *sannyasin* lhe fez algumas perguntas relativas à alma e a Deus, e o *vyadha* lhe deu para ler um fragmento do *Mahabarata* chamado o *Vyadha Gita*, que contém um dos mais belos ensinamentos da Vedanta. Quando o *vyadha* terminou seu ensinamento, o *sannyasin* ficou assombrado. Então lhe perguntou: “Com um conhecimento como o vosso, como é que estais

no corpo de um *vyadha* cumprindo tão horrível trabalho?” “Filho meu”, replicou o *vyadha*, “nenhum dever é feio, nenhum impuro. Meu nascimento me colocou neste ambiente. Em minha infância aprendi o comércio; estou desligado e trato de cumprir o meu dever. Procuo cumpri-lo como chefe de família, e também fazendo todo o possível por tornar felizes meus pais. Não conheço vossa yoga, nem sou *sannyasin*, nem abandono o mundo para ir aos bosques; no entanto, tudo o que tendes visto e ouvido, é o que recebo, por cumprir desligadamente o meu dever; é o que corresponde à minha posição”.

Conheço na Índia um Sábio, um grande yogue, um dos homens mais assombrosos que vi em minha vida. É original; não ensina ninguém; se lhe fazeis uma pergunta, não responde, pois não quer assumir a atitude de mestre; porém, se esperais alguns dias, no curso de uma conversação fará que esta recaia sobre o assunto e projetará sobre ela uma luz maravilhosa. Comunicou-me uma vez o segredo da ação: “Que o fim e os meios se associam”. Quando fizerdes qualquer trabalho, não penseis em outra coisa. Leva-lo ao fim, como um ato de adoração, como se cumprísseis o mais elevado culto, e concentraí nele toda vossa vida.

Assim, no conto que acabo de referir, o *vyadha* e a mulher cumpriram seu dever com alegria e boa vontade, resultando da a conquista da iluminação. Isto demonstra claramente que a reta execução dos deveres em qualquer esfera da vida, sem pensar nos resultados, conduz à mais alta realização da perfeição da alma.

O trabalhador que se liga aos resultados é o que se queixa da natureza do dever que lhes coube pelo destino. Para o trabalhador desligado, todos os deveres são igualmente bons e constituem eficazes instrumentos para destruir o egoísmo e a sensualidade, e também para assegurar a independência da al-

ma. É comum superestimarmos nossos méritos. Nosso deveres são proporção muito maior do que estamos dispostos a confessar. A competição desperta a inveja e mata a vontade. Para os descontentes, os deveres se tornam desagradáveis; nada os satisfaz e sua vida redonda num fracasso. Continuemos trabalhando, cumprindo o nosso dever, à medida que vamos avançando, e então, com segurança, conseguiremos ver a Luz!

Capítulo 5 – Não é ao mundo que ajudamos, e sim a nós mesmos

Antes de considerar com maior extensão a forma pela qual a devoção nos auxilia em nosso progresso espiritual, permiti-me que abra um breve parêntese para outro aspecto do que na Índia entendemos por *karma*. Todas as religiões constam de três partes: filosofia, mitologia e ritual. A filosofia é, primeiramente, a essência da religião; a mitologia a explica mediante as vidas mais ou menos legendárias dos grandes homens, as histórias e os relatos de acontecimentos surpreendentes. etc., e o ritual dá a esta filosofia uma forma ainda mais concreta, com o fim de que todos a possam interpretar.

O ritual é *karma* obrigatório em toda a religião, pois muitas pessoas não podem compreender as coisas espirituais abstratas, senão depois de terem alcançado o suficiente desenvolvimento espiritual. É fácil pensar que podemos compreender tudo, porém quando chega o momento de pormos em prática nosso conhecimento, vemos que é mui difícil entendermos as ideias abstratas. Portanto, os símbolos constituem um poderoso auxiliar, que não podemos abandonar. Desde tempos imemoriais, os símbolos foram usados Por todas as religiões. Em certo sentido, não pensamos a não ser por meio de símbolos; acaso não são as Palavras símbolos do pensamento? E ainda podemos dizer que o próprio universo é um símbolo que oculta Deus. Esta simbologia não é mera concepção da Mente humana. A simbologia religiosa é resultante de um crescimento natural, e se assim não fosse, como é que determinados símbolos estão indissolivelmente associados a determinadas ideias? Certos símbolos são universalmente conhecidos. Muitos de

vós pensam que a cruz nasceu com o Cristianismo. Porém é um fato comprovado que antes do Cristianismo existir, antes de Moisés ter nascido ou que os *Vedas* fossem conhecidos, antes de se registrar qualquer conhecimento, já existia este, símbolo.

Sabe-se que a cruz esteve entre os astecas e fenícios; e que, todas as raças a conheceram. Além disto, o símbolo do Salvador crucificado parece haver sido conhecido em todas as nações. O círculo tem sido um símbolo muito importante em todo o mundo. Por outro lado, existe o símbolo mais universal de todos, que é a cruz suástica.

Durante certo tempo acreditou-se que fosse criação dos budistas, porém descobriu-se que já era conhecido na Babilônia e no Egito. O que demonstra isso é que estes símbolos não podem ser meros sinais convencionais; deve existir alguma associação natural entre eles e a mente humana. A linguagem não é convencional; as ideias se correspondem com as palavras de maneira natural. Os símbolos que representam ideias podem ser sons e cores. Os surdos-mudos devem pensar mediante símbolos que não são sons. Cada pensamento cria uma forma específica; isto se chama na filosofia sânscrita *Nâma-Rupa*, nome e forma. É tão impossível criar convencionalmente um sistema de símbolos como criar uma linguagem.

Nos símbolos ritualistas conservamos uma expressão do pensamento religioso da humanidade. É fácil dizer que são inúteis os rituais, templos e outros elementos de adorno; até as crianças podem fazer esta afirmação. Mas é fácil comprovar que aqueles que se ligam aos templos são algo diferentes daqueles que se abstêm de fazê-lo. Por conseguinte, associar-se a um determinado templo, a rituais e outras formas concretas das religiões, tende a despertar na mente de seus devotos as ideias simbolizadas por essas coisas concretas; e não se ignora que

todos os rituais são simbólicos. O estudo e a prática destas coisas fazem parte de Karma-Yoga.

No entanto, esta ciência da ação possui muitos outros aspectos. Um deles é conhecer a relação entre o pensamento e a palavra, e quanto pode ser adquirido mediante o poder desta. Em todas as religiões é conhecido o seu poder, e até mesmo alguns afirmam que a criação teve origem na palavra. O aspecto externo do pensamento de Deus é a palavra; e como Deus pensou e quis antes de criar, a criação é resultante da palavra. Na violência e precipitação da vida materialista, nossos nervos endureceram e perderam a sensibilidade. Quanto mais velhos somos e mais experiências adquirimos, mais insensíveis nos tornamos, e terminamos por não fazer caso das coisas que nos rodeiam.

A natureza humana primeiro se impõe algumas vezes e nos leva a inquirir e considerar alguma destas ocorrências; esta reflexão é o primeiro passo para a luz. Além do alto valor filosófico e religioso da Palavra, vemos que os símbolos sonoros desempenham papel importante no drama da vida humana. Eu vos falo, porém não vos toco; as vibrações do ar causadas por minhas palavras vão aos vossos ouvidos, tocam vossos nervos e produzem efeitos em vossa mente. Não podeis impedir isto. Pode haver algo mais assombroso? Um homem chama outro de néscio; este se põe de pé, cerra os punhos e lhe dá uma bofetada. Vede o poder da palavra. Uma mulher chora desconso-lada; outra passa e lhe dirige palavras de consolo; o desesperado aspecto da aflita desaparece e começa a sorrir. Pensai no poder destas palavras.

Agí com potente energia, tanto na mais elevada filosofia como na vida prática. Noite e dia manipulamos inconscientemente esta força, sem tratar de indagar sua essência. Conhecer

a natureza desta força e utilizá-la corretamente também é uma parte de Karma-Yoga.

Nosso dever para com os outros baseia-se em ajudá-los, fazer bem ao mundo. Por que devemos fazer bem ao mundo? Aparentemente para ajudarmos a nós próprios. Tratar de ajudar o mundo deveria ser nossa mais elevada aspiração; porém, se pensarmos um pouco, veremos que o mundo não precisa de nosso auxílio. Este mundo não foi criado para que vós e eu o ajudássemos. Uma vez li um sermão que dizia: “O mundo é muito bom porque nos oferece a oportunidade de ajudar os demais”. A primeira vista este sentimento é muito belo; porém, não é uma blasfêmia dizer que o mundo precisa de nosso auxílio? Não podemos negar que há muita miséria nele; socorrer o próximo, portanto, é o que de melhor podemos fazer, ainda mesmo que saibamos que a única coisa que nisso fazemos é auxiliarmos a nós mesmos.

Quando eu era criança, tinha uns ratos brancos e os guardava em uma caixa munida de umas rodas feitas de modo que, quando os ratos andavam nela, as rodas giravam incessantemente e os ratos ficavam no mesmo lugar. É o que acontece ao mundo com o nosso auxílio. O único auxílio positivo consiste em nos obrigar a uma ginástica moral. O mundo não é nem bom nem mau; cada homem constrói um mundo para si mesmo. Se um cego principia a pensar no mundo, o suporá frágil ou duro, frio ou quente. Constituímos uma massa de felicidade e infortúnio; podemos observar isto centenas de vezes.

Geralmente os jovens são otimistas e os velhos pessimistas. O jovem tem a vida ante si, e o velho se queixa porque envelheceu mais um dia; centenas de desejos que não puderam ser satisfeitos fervem em sus corações. No entanto, ambos estão em condições idênticas. A vida é boa ou é má, segundo as atitudes mentais com que a observemos; por si mesma, não é

nada. O fogo, por si mesmo, não é bom nem mau. Quando nos dá calor, dizemos: “Que bom fogo!” Quando nos queima o dedo, o maldizemos. Segundo o uso que dele façamos, produz em nós uma sensação agradável ou desagradável. O mundo é perfeito. Por perfeição entendemos aquilo que está admiravelmente adaptado a seus fins. Podemos estar seguros de que caminhará completamente bem sem nossa ajuda, e que não tem necessidade de que percamos a cabeça por sua causa.

Todavia, precisamos praticar o bem; o desejo de fazer o bem é o que de mais elevado podemos aspirar, desde que aceitemos o princípio de que é um grande privilégio ajudar os outros. Não vos coloqueis num alto pedestal, com uma moeda na mão, enquanto dizeis: “Tomai, pobre homem”. Agradecei mais do que o pobre, pois deste modo tivestes a oportunidade de ajudar a vós mesmo, ajudando o pobre. O beneficiado não é quem recebe, e sim aquele que dá. Agradecei àqueles que vos deram a oportunidade de ser benevolente e misericordioso, pois só assim chegareis neste mundo a ser puro e perfeito. Todas as boas ações nos levam à pureza e perfeição. Que de melhor podemos fazer? Construir um hospital, abrir estradas, erguer asilos de caridade, organizar uma festa de beneficência e reunir dois ou três milhões de dólares, edificar um hospital com um milhão, com o segundo dar bailes e beber champanha e com o terceiro deixar que os administradores roubem a metade, e o resto, finalmente que chegue aos pobres. Que representa isto? Um golpe de vento destrói tudo em cinco minutos.

Que devemos então fazer? Uma erupção vulcânica pode arrasar os nossos hospitais e nossas estradas. Abandonemos esta conversa inútil de querer fazer bem ao mundo; ele não precisa do vosso auxílio nem do meu; no entanto, devemos fazer o bem constantemente, porque isto constitui uma bênção para nós. Esta é a única maneira de chegarmos a ser perfeitos. Nenhum dos mendigos que temos auxiliado, nos devem um só

centavo; ao contrário, somos nós que lhes devemos o favor de nos terem permitido ajudá-los. É erro pensar que nós temos o poder de fazer bem ao mundo, ou acreditar que auxiliamos tais ou tais pessoas. É um pensamento falso, e os pensamentos falsos produzem miséria.

Imaginemos um homem que ajudou seu semelhante e espera recompensa, e como este não lhe foi grato, ele se sente infeliz. Por que devemos esperar a recompensa daquilo que fazemos? Agradecei ao homem que permitiu ser ajudado, considerando-o um Deus. Não é um grande privilégio sermos permitidos a adorar Deus ajudando nossos semelhantes? Se estivéssemos verdadeiramente desligados, nos livraríamos desta expectativa e poderíamos praticar no mundo muito trabalho útil. Nunca traz infelicidade nem miséria a ação realizada sem se esperar recompensa. O mundo continuará com suas tristezas e alegrias por toda a eternidade.

Havia um pobre homem que necessitava de certa importância em dinheiro e, não se sabe como, tinha ouvido dizer que se ele pudesse se utilizar dos serviços de um gênio, poderia obrigá-lo a trazer-lhe dinheiro e tudo quanto desejasse. Por isto estava ansioso por encontrar algum, e saiu em busca de alguém que lhe facilitasse os meios de consegui-lo. Finalmente, topando com um sábio que possuía poderes, pediu-lhe auxílio. O sábio perguntou-lhe por que desejava um gênio, “É para trabalhar para mim; ensina-me como posso obtê-lo, senhor, porque necessito muito”, replicou o homem. O sábio disse: “Não vos inquieteis; ide à vossa casa”.

No dia seguinte o nosso homem foi novamente ver o sábio e tornou a suplicar-lhe: “Dai-me um gênio; eu preciso de um gênio, senhor; ajudai-me”. Por fim o sábio se cansou e lhe disse: “Tomai este talismã, repeti tal palavra mágica e vos aparecerá um gênio que fará tudo que lhe determinardes. Mas ten-

de cuidado; são seres terríveis e devem estar constantemente ocupados; se deixardes de lhe dar trabalho, ele vos tirará a vida”. O homem replicou: “Isto é fácil, dar-lhe-ei trabalho para toda a minha vida”. Foi ao bosque e depois de repetir várias vezes a palavra mágica, um enorme gênio se lhe apresentou e disse: “Eu sou o gênio, e fui conquistado por vossa magia; deveis Ter-me ocupado constantemente, senão vos matarei”. O homem lhe ordenou: “Construí-me um palácio”. “Já está construído”, lhe disse. “Traz-me dinheiro”, disse logo. “Aqui está o dinheiro”, respondeu-lhe o gênio. “Abre este monte e edifica uma cidade neste lugar”. “Já está feita”, replicou; “que quereis mais?” Então o homem começou a temer, por não ter nada mais para mandar fazer, pois o gênio fazia tudo num momento. O gênio não esperou: “Ou me dais serviço ou vos mato”, lhe disse.

O pobre homem estava aterrorizado; não havia ocupação para dar-lhe; todo assustado, correu à casa do sábio e lhe suplicou: “Oh! Senhor, salvai-me a vida”. E como este lhe perguntasse o que acontecia, lhe respondeu: “Não tenho nada mais para mandar o gênio fazer; tudo o que lhe ordeno, fá-lo num momento, e ameaça matar-me se eu não lhe der mais trabalho”. Naquela hora chegou o gênio: “Vou matar-vos”, exclamou e se dispôs a fazê-lo. O homem começou a tremer e a rogar ao sábio que lhe salvasse a vida. Este lhe disse: “Eu vou encontrar-vos uma saída. Observai aquele cão que tem a cauda enrolada. Tirai rapidamente vossa espada, cortai-a e mandai o gênio endireitá-la”. O homem assim fez. O gênio pegou a cauda e com muito jeito conseguiu endireitá-la, porém, sempre que a largava, ela se enrolava de novo. Durante dias inteiros endireitava a cauda e esta tornava a enrolar-se, até que por fim exclamou:

“Jamais me vi em tal aperto; sou um velho e veterano gênio, porém nunca me vi em tão grande dificuldade. Vou

propor-vos um trato: permiti que me retire e vos deixarei tudo o que já vos dei, comprometendo-me a não vos fazer mal algum”. O homem ficou contente e o aceitou alegremente.

Este mundo se parece com a cauda enroscada do cão: as pessoas têm lutado para endireitá-la durante centenas de anos, porém quando a soltam, ela se enrola de novo. Como poderia ser de outro modo? Todos têm que aprender primeiro a agir sem se ligar à ação; então já não será um fanático. Quando compreendermos que este mundo é como a cauda enrolada do cão, que nunca se endireitará, então não seremos fanáticos.

Se não houvesse fanatismo no mundo, este progrediria mais rapidamente. É um erro crer que o fanatismo pode contribuir de algum modo para o progresso do gênero humano; ao contrário, é uma peçonha que, criando ódios e cóleras, é a causa das pessoas lutarem entre si, tornando-se insensíveis à compaixão.

Pensamos que tudo quanto fazemos ou possuímos é o melhor do mundo, e que o que não fazemos nem possuímos não tem valor. Assim, recordai-vos do exemplo da cauda enrolada, para evitar vos tornardes fanáticos. Não tendes necessidade de vos atormentar nem de perder o sono por causa do mundo; seguirá seu caminho sem vós. Somente quando tiverdes evitado o fanatismo, agireis bem. É o homem mentalmente equilibrado, de juízo sereno e capaz de experimentar simpatia e amor, que faz boa obra e se favorece a si mesmo. O fanático é néscio e não sente; jamais pode modificar o mundo nem se tornar puro e perfeito.

Em síntese, os principais pontos deste capítulo são: Primeiro, recordar que somos devedores do mundo e que este nada nos deve. É um grande privilégio para nós sermos permitido fazer algo pelo mundo. Ao ajudá-lo, em realidade nos ajudamos a nós mesmos. Segundo, que há um Deus neste universo.

Não é certo que este universo flutue sem destino e tenha necessidade do vosso auxílio ou do meu. Deus está sempre presente nele. É imortal, eternamente ativo e infinitamente vigilante. Quando todo universo dorme, Ele permanece velando; age incessantemente; as mudanças e manifestações do mundo são obra Sua. Terceiro, não devemos odiar ninguém.

Este mundo continuará sempre sendo uma mistura de bem e de mal.

Nosso dever é simpatizar com os débeis e amar, inclusive, os malfeitores. O mundo é um grande ginásio moral, onde devemos exercitar-nos para ser cada dia mais fortes espiritualmente. Quarto, não devemos ser fanáticos, porque o fanatismo é oposto ao amor. Ouvireis continuamente que os fanáticos dizem: “Eu não odeio o pecador e sim o pecado”; porém estou disposto a ir a qualquer parte, por longe que seja, para encontrar o homem realmente capaz de distinguir entre o pecado e pecador. É muito fácil dizer. Se pudéssemos distinguir bem entre qualidade e substância, poderíamos chegar a ser perfeitos. Não é fácil fazê-lo. E quanto mais tranquilos formos e menos alterados estiverem os nossos nervos, mais amaremos e melhor agiremos.

Capítulo 6 – Desapego é a abnegação completa

Assim como cada ação que de nós emana a nós volta como reação, também nossas ações podem agir sobre outras pessoas e as desta sobre nós. Certamente já tendes reparado que quando as pessoas cometem más ações, tornam-se cada vez mais pervertidas, e que, quando começam a praticar o bem, ficam cada vez mais fortes e aprendem a fazer o bem em qualquer ocasião. Esta intensificação da ação só se explica porque agimos e reagimos uns sobre os outros.

Tomemos um exemplo na física. Enquanto executo uma ação, pode-se dizer que minha mente vibra de determinada maneira, e todas as mentes que estão em circunstâncias análogas serão afetadas por minha mente. Se numa habitação colocamos diferentes instrumentos musicais afinados no mesmo tom, observa-se que, quando se toca um deles, os outros vibram reproduzindo a mesma nota. Do mesmo modo, todas as mentes que têm a mesma tensão, serão afetadas pelo mesmo pensamento.

Supondo que eu cometa um ato mau, minha mente vibra com uma frequência especial e todas as mentes semelhantes podem ser afetadas pela vibração de minha mente. Da mesma forma, quando pratico uma boa ação, minha mente vibra em outra frequência e as que estão em uníssono com a minha têm a possibilidade de ser afetadas por ela. E este poder de uma mente sobre outra variará em proporção à intensidade do pensamento.

Segundo este símile, pode-se dizer que assim como as ondas de luz podem levar milhões de anos antes de alcançar

um objeto, assim também as ondas mentais podem viajar centenas de anos antes de encontrar um objeto com o qual vibrem em uníssono. É provável que nossa atmosfera esteja cheia de vibrações mentais boas e más. O pensamento projetado por um cérebro segue vibrando, por assim dizer, até encontrar uma mente devidamente sintonizada que o capte. Da mesma forma, quando um homem comete más ações, induz em sua mente um certo estado vibratório, e as ondas correspondentes pugnarão por alcançá-la. Esta é a razão pela qual um malfeitor se torna cada vez pior. Suas ações se intensificam.

A mesma coisa acontece com as pessoas que praticam ações boas; sua mente capta cada vez mais as boas ondas existentes na atmosfera, e com elas intensifica suas ações boas. Consequentemente, corremos um perigo duplo ao praticarmos o mal. Primeiro, nos abrimos a todas as más influências que nos rodeiam, e segundo, criamos um mal que afetará os outros, talvez daqui a cinquenta anos. Ao fazer o mal, prejudicamos a nós mesmos e aos demais. Ao fazer o bem, beneficiamos a nós mesmos e ao mesmo tempo aos demais. Como todas as outras forças do homem, as do bem e as do mal se acumulam no exterior.

De acordo com a Karma-Yoga, a ação realizada não pode ser destruída enquanto não tiver dado seus frutos; ninguém pode impedir seus resultados. Se eu pratico uma ação má, terei que sofrer por ela; não há nada no universo capaz de evitar ou detê-la. Do mesmo modo, se faço algo de bom, não existe poder no universo que impeça suas boas consequências. A causa deve ter o seu efeito; nada a pode impedir ou minorar. Agora se apresenta uma questão muito sutil, referente a Karma-Yoga: é que nossas ações, boas ou más, estão intimamente relacionadas umas com as outras. Não podemos traçar uma linha demarcatória e dizer: esta é inteiramente boa e aquela má. Não

existe ação que não produza bons e maus frutos ao mesmo tempo.

Tomemos um exemplo mais próximo. Eu vos falo: alguns de vós pensam que estou fazendo bem e que ao mesmo tempo mato centenas de micróbios na atmosfera; logo faço mal a outros. Quando a ação nos interessa muito de perto ou afeta gratamente a quem conhecemos, dizemos que é boa. Por exemplo: minha conversação poderá parecer muito agradável para vós, porém os micróbios opinarão de maneira diferente. Não vedes os micróbios, porém vedes a vós mesmos. A maneira como minha conversação vos afeta se torna evidente para vós, porém não a maneira como ela afeta os micróbios. Do mesmo modo, se analisarmos nossas más ações, veremos também que elas têm podido produzir algum bem. Aquele que na boa ação descobre o segredo da ação e em meio do mal algum bem, conheceu o segredo da ação.

Mas, que resulta de tudo isto? Pois não pode existir nenhuma ação inteiramente pura nem perfeitamente impura no sentido de fazer o bem ou mal. Não podemos respirar nem viver sem causar mal aos outros, e cada partícula de alimento que comemos tiramo-la da boca de um terceiro. Nossas próprias vidas destroem micróbios, porém nós temos que crescer às custas de uns e de outros. Disto se deduz que a perfeição jamais será alcançada pela ação. Mesmo que atuemos durante toda a eternidade, não conseguiremos sair deste intrincado emaranhado; podeis agir sem cessar; não existirá fim para esta inevitável associação de bem e de mal no resultado da ação.

Consideremos o segundo ponto: qual é o fim da ação? Observamos que a maior parte das pessoas crê que chegará uma época em que o mundo será perfeito; que não existirão mais enfermidades, desgraças e maldades. Esta ideia é muito boa para animar e entusiasmar os ignorantes, porém, se pen-

sarmos um momento, veremos que não pode ser assim. Acaso o bem e o mal não são o verso e o reverso de uma mesma moeda? Como pode existir bem sem mal ou mal sem bem? Que entendemos por perfeição? A vida perfeita cairia numa contradição.

A vida é uma luta contínua entre nós mesmos e o exterior. Continuamente nos encontramos lutando com a natureza externa, e se somos vencidos, nossa vida sucumbe. Por exemplo, lutamos por alimento e ar. Se qualquer destas coisas nos faltarem, morreremos. A vida não é uma coisa amável que se desliza suavemente, e sim, um esforço contínuo. Esta luta complexa entre o interior e o exterior é o que chamamos vida. É, pois, evidente que quando cessar esta luta, terminará também a vida.

O que se entende por felicidade ideal, é a cessação da luta. Mas então a vida terminou, porque a luta só se acaba quando a vida termina. Temos visto que ajudando o mundo, ajudamos a nós mesmos. O efeito principal de nossa ação em benefício alheio é ela purificarmos a nós mesmos. Esforçando-nos constantemente em fazer o bem aos outros, conseguimos esquecermos de nós mesmos; este esquecimento do eu é a grande lição que nos falta aprender. O homem pensa nesciamente que pode achar a felicidade, porém depois de muitos anos de luta descobre que a verdadeira felicidade consiste em matar o egoísmo, e que ninguém, exceto ele, pode fazê-lo feliz.

Cada ato de caridade, cada pensamento de simpatia, cada ação boa reduz nossa vaidade e fez com que nos consideremos insignificantes; portanto, tudo é bom. Aqui achamos que *JNANA*, *BHAKTI* e *KARMA* convergem para o mesmo ponto. O ideal mais elevado é a eterna e total abnegação: esquecer o “eu” para não pensar mais do que no “tu”. Quer seja o homem consciente ou inconsciente disto, karma-yoga o leva até o fim.

Um sacerdote poderá espantar-se da ideia de um Deus impessoal, insistirá sobre o pessoal e sustentará sua identidade e individualidade própria. Porém sua ética, se é realmente boa, só pode estar baseada na mais elevada abnegação. Esta é a base de toda a moral; podeis torná-la extensiva a todos os homens, animais, ou anjos, porém é a única ideia básica, o único princípio fundamental que nos sustenta todo sistema de moral.

Encontrareis várias espécies de homens neste mundo. Primeiro existem os homens divinos, cuja abnegação é completa; esses fazem o bem aos outros, mesmo à custa do sacrifício de suas vidas. Se existissem cem homens desses em alguns países, tais países nunca teriam motivos para se afligir; porém, infelizmente, eles são muito poucos. Em seguida, existem os homens bons, que fazem bem aos outros mas desde que não se prejudiquem a si mesmos; e uma terceira classe: os que para o bem de si mesmos prejudicam os demais. Um poeta sânscrito disse que existe uma quarta classe de pessoas que fazem o mal só pelo prazer de fazê-lo. Assim também encontramos, de outro lado, o homem mais elevado que faz o bem só por amor ao bem.

Existem duas palavras sânscritas: *pravritti* que significa “atrair”, e *nivritti*, “repelir”. Atrair é o que chamamos o “eu” e “meu”; inclui as coisas que enriquecem o “eu” com posição, dinheiro, poder, fama e nome. Este é o *pravritti*, a tendência natural de cada ser humano: tomar tudo de toda as partes e amontoá-lo, ao redor de um centro, sendo este o próprio e importantíssimo eu do homem. Quando esta tendência começa a declinar, quando se converte em *nivritti*, “repelir”, então começam a moralidade e a religião. Tanto *pravritti* como *nivritti* são resultantes da ação; a primeira é má, a segunda é boa. *Nivritti* é a base fundamental de toda moralidade e religião, e sua perfeição absoluta consiste em estar sempre disposto a sacrificar a mente, o corpo e tudo mais por nosso semelhante.

Quando um homem alcança este estado, chega à perfeição da Karma-Yoga. Este é o mais elevado resultado das boas ações. Mesmo que o homem não tenha estudado nenhum sistema de filosofia, não tenha acreditado nem creia em Deus e não tenha orado uma só vez em toda a sua vida, se o simples poder das boas ações o levarem a um estado em que esteja disposto a dar a sua vida pelos seus semelhantes, encontrar-se-á no mesmo ponto do homem religioso ou do filósofo. Então vereis que o filósofo religioso ou o homem de ação estão todos no mesmo ponto, e que este ponto é a abnegação.

Por muito que se diferenciem os sistemas filosóficos e religiosos, os homens se inclinam com reverência e respeito ante o que está pronto a se sacrificar pelos demais. Já não se trata de credo nem doutrinas. Os grandes inimigos das ideias religiosas se inclinam ante um ato de completa abnegação. Não vistes que até o cristão mais fanático, quando lê a *Luz da Ásia*, de Edwin Arnold, sente veneração pelo Buda que não pregou Deus algum, e somente o auto sacrifício? O que acontece é que o fanático ignora que suas aspirações na vida coincidem plenamente com as daqueles a quem critica. O devoto, mantendo seu pensamento sempre fixo em Deus, chega ao mesmo ponto e exclama: “Faça-se a Tua vontade”, sem reservar nada para si mesmo. Isto é abnegação. O filósofo, com seu conhecimento, compreende que o eu é uma ilusão e o abandona facilmente; isto é abnegação. Deste modo, *karma*, *bhakti* e *jnana* se reúnem num ponto só; e isto foi ensinado pelos pregadores antigos quando afirmavam que Deus não é o mundo. Uma coisa é o mundo e outra é Deus; o que eles entendem por mundo é egoísmo. O altruísmo é Deus. Alguém pode viver num trono ou palácio de ouro e ser perfeitamente altruísta, e por isto estará em Deus. Outro pode viver numa cabana, vestir farrapos, e no entanto, se é egoísta, estará intensamente submerso no mundo.

Dissemos que não podemos fazer o bem sem ao mesmo tempo praticar o mal, nem fazer o mal sem ao mesmo ter que realizar algum bem. Em vista disto, como podemos agir? Existiram seitas que de um modo fantástico pregaram o suicídio como único meio de se libertar do mundo; porque, se um homem vive, tem que forçosamente matar pobres animais e plantas, e fazer o mal a algo ou alguém. Por conseguinte, segundo eles, a única maneira de se livrar do mundo é morrer. Os jainistas aprenderam esta doutrina como o ideal mais elevado. Este ensinamento parece lógico; porém a verdadeira solução se encontra no *Bhagavad-Gita*. É a teoria de não se ligar, de não apegar-se a nada, mesmo cumprindo-se o dever na vida.

Compreendi que vos achais completamente separado do mundo, embora vivais nele, e qualquer coisa que fizerdes não a fazeis por amor a vós mesmo. Os efeitos de toda ação que realizardes em vosso proveito, terão que pesar sobre vós mesmos. Se é boa, receberéis o bom resultado; se é má, o mau. Mas, qualquer ato que não seja praticado em vosso exclusivo benefício, seja qual for, não terá efeito sobre vós. Há uma sentença muito expressiva em nossas escrituras, que esclarece esta ideia: “Mesmo que ele mate todo o universo e a si mesmo, não é o matador nem o morto, quando sabe que ele não age por si mesmo de nenhuma maneira. Portanto, Karma-Yoga ensina: “Não abandones o mundo; vive nele, assimila suas influências de toda forma que puderes, porém se tiver que ser em proveito de teu gozo próprio, não atues de maneira alguma”.

Gozar não é a meta. Primeiro mata teu eu e em seguida considera todo mundo como se fosses tu mesmo, como os antigos cristãos que costumavam dizer: “O homem velho deve morrer”. Este homem velho é o conceito egoísta de que todo o mundo foi feito para que dele desfrutemos. Os pais néscios ensinam seus filhos a orar: “Oh! Senhor. Tu criaste este sol e esta lua para mim”, como se o Senhor não tivesse outra coisa em

que se entreter. Não ensineis a vossos filhos semelhante tolice. Além disso, há pessoas que pecam por outras razões: ensinamos que os animais foram criados para satisfação de nosso estômago e que o universo existe só para gozo do homem. Do mesmo modo, um tigre poderia dizer: “O homem foi criado para mim”, e orar: “Oh! Senhor, que malvados são os homens, ao não se colocarem voluntariamente ao alcance de minhas mandíbulas; estão violando Vossa Lei”. Se é para nós que o mundo foi criado, nós, reciprocamente, fomos criados para ele. Que o mundo haja sido criado para o nosso prazer é a ideia mais perversa de quantas nos podem escravizar. Milhões de seres abandonam periodicamente este mundo, e outros milhões vêm ocupar o seu lugar. O mundo é para nós o que nós somos para ele.

Para agir com retidão, temos que abandonar primeiramente a ideia de apego. Em segundo lugar, não devemos interferir nos acontecimentos, e sim, manter-nos em posição de testemunhas e continuar trabalhando. Meu Mestre costumava dizer: “Considerai vossos próprios filhos como o faz a ama”. A ama se encarrega de vossos filhos, acaricia-os e brinca com eles, tratando-os tão ternamente como se fossem seus; porém logo que a despedis, preparará sua roupa e sairá da casa sem que se recorde de vossos filhos. Assim deveis ser vós com tudo quanto considerais como vosso. Sois a ama, e se credes em Deus, crede também que todas estas coisas que considerais vossas são realmente Suas.

A maior debilidade se insinua às vezes como o maior bem e força. É um erro pensar que alguém dependa de mim ou que possa fazer o bem a outrem. Esta crença é a causa de nosso apego, e do apego surge a dor. Alimentemos a convicção de que nada depende de nós. Todos somos ajudados pela natureza, e mesmo que faltassem milhões de nós, tudo correria da mesma forma. O curso da natureza não será alterado por vós

nem por mim; porém, como já foi dito, é um grande privilégio para vós e para mim que se nos permita ajudar os outros, para nos educarmos a nós mesmos. Esta lição devemos aprender a todo transe, e quando a tivermos aprendido, nunca mais seremos infelizes; poderemos ir a qualquer parte e nos misturarmos na sociedade sem perigo. Podeis ter regimentos de serviçais e ainda reinos para governar, contanto que procedais baseando-vos no princípio de que o mundo não é para vós nem ele vos necessita imprescindivelmente. Por exemplo, morre um vosso amigo; deteve-se por isso o mundo, e espera o regresso de vosso amigo para continuar sua marcha? Não; continua girando. Tirai de vossa mente a ideia de que tendes de fazer algo pelo mundo, pois ele não precisa de vosso auxílio. É uma tolice pensar que se nasceu para ajudar o mundo; há nisso muita vaidade e egoísmo cobrindo-se com a máscara da virtude. Quando tiverdes compreendido que o mundo não depende de vós nem de ninguém, vossa ação já não produzirá uma reação dolorosa. Quando derdes algo a um homem e não esperardes nada dele, nem mesmo a gratidão, sua ingratidão em nada vos afetará.

O *karma* é quem regula as ações entre os seres humanos. Ninguém dá nada, senão que os outros nos exigem a propriedade que tinham depositado em nossas mãos. Por que deveis estar orgulhosos por terdes dado algo? Sois apenas o depositário do dinheiro ou dos bens que vos foram confiados, e o mundo os exige por seu próprio *karma*. Qual é, pois, a razão de vos orgulhardes? Não há nada de importante no que dais ao mundo. Quando adquirirdes o sentimento do desapego, nada será bom nem mau para vós. Só o egoísmo produz a diferença entre o bem e o mal. É coisa difícil, porém, com o tempo chegareis a compreender que nada no universo tem poder sobre vós, a menos que o permitais. Nada tem poder sobre o Eu do homem, a não ser que o Eu abdique de sua independência. Assim, não vos ligando mas sobrepondo-vos impedis que qualquer poder possa influir sobre vós. É muito fácil dizer que nada vos afeta,

porém, qual é o homem a quem nada afeta? A quem a má fortuna não altera o ritmo de seus pensamentos nem modifica seu caráter e costumes?

Houve na Índia um grande sábio chamado Vyasa; foi conhecido como autor dos aforismos vedantinos e como um santo. Seu pai pensou em chegar à perfeição mas fracassou. Seu avô também não conseguiu êxito. Sua bisavó tentou sem o conseguir. Vyasa mesmo não a alcançou de maneira perfeita, porém seu filho Shuka nasceu perfeito. Depois de ensinar-lhe a verdade, Vyasa mandou seu filho à corte do rei Janaka Videka. (Videka significa “sem corpo”). Embora rei, tinha esquecido completamente que era um corpo, pois o sentia o espírito. O rei soube que o filho de Vyasa estava a caminho para aprender com ele a sabedoria e fez certos preparativos antecipadamente. Quando o menino se apresentou às portas do palácio, os guardas não fizeram caso dele. Unicamente lhe indicaram um assento e aí ele permaneceu três dias e três noites sem que ninguém lhe desse uma palavra. Filho de um grande sábio, seu pai era honrado por todo o país, e ele mesmo era uma pessoa muito respeitável; no entanto, os grosseiros e vulgares guardas do palácio não lhe deram atenção. Em seguida, e de maneira imprevista, os ministros do rei e altos dignitários chegaram-se a ele e o receberam com as maiores honras. O rosto sereno de Shuka não se alterou em nada pelo tratamento que lhe dispensaram; era em meio do luxo o mesmo que quando aguardava à porta. Então foi levado ante o rei. Estava este sentado no trono, e havia música e danças e outras diversões. O rei lhe deu um copo de leite, cheio até a borda, e lhe pediu que desse sete voltas ao redor da sala sem que derramasse uma só gota. O menino pegou o copo e fez o que lhe fora ordenado. Tal como o rei o desejou, sete vezes deu a volta, em meio da música e da atração dos formosos rostos sem derramar uma só gota. A mente do jovem não podia ser distraída por coisa alguma, a menos que ele quisesse. E quando levou o copo ao rei, este lhe disse:

“Só poderia eu repetir-vos o que vosso pai vos ensinou e aprendestes; conheceis a verdade: voltai para casa

Assim, o homem que exerce controle sobre si mesmo não pode ser escravo de nenhuma coisa externa. Sua mente está liberta; unicamente um homem assim está para viver apropriadamente no mundo. Geralmente se encontram nos homens duas opiniões acerca do mundo. Os pessimistas dizem: “Que horrível é este mundo; que perverso!” Os otimistas, ao, contrário: “Quão belo e maravilhoso!” Para os que não controlam suas mentes, o mundo é mau. Este mesmo mundo será bom para nós, desde que sejamos donos de nossas mentes. Então nada poderá afetar-nos, nem seu mal; acharemos que tudo ocupa seu lugar adequado, que tudo é harmonioso. Alguns que começam por dizer que o mundo é um inferno, terminam por julgá-lo um céu quando conseguem controlar suas mentes. Se somos verdadeiramente karma-yogues e desejamos alcançar o autodomínio, onde quer que comecemos estaremos certos de terminar na perfeita abnegação; e logo que este eu ilusório tenha desaparecido, o mundo, que a princípio nos parecia mau, se transformará no próprio céu. Sua mesma atmosfera será bendita; cada rosto humano nos parecerá bom. Tal é o fim e aspiração do Karma-Yoga e tal sua perfeição na vida prática.

As yogas não se contradizem; cada um deles nos conduz ao mesmo fim e nos torna perfeitos; só que devem ser rigorosamente praticados. Todo o segredo se encontra na prática. Primeiro deveis ouvir, em seguida pensar e depois agir. Isto é certo em Karma-Yoga. Primeiro tendes que compreender o que é; muitas coisas que não compreendeis, se tornarão claras ao escutardes e pensardes nelas frequentemente. A explicação de tudo esta finalmente em vós mesmo. Ninguém foi realmente educado por outro; cada qual tem que se educar a si mesmo. O mestre externo só oferece as sugestões que despertem o mestre interno e o ponham em situação de compreender as coisas. Es-

tas então se nos apresentam claras, por nosso próprio poder de percepção e pensamento, e as realizaremos em nossa própria alma; e esta realização, ao desenvolver-se, se converterá num intenso poder de vontade. Primeiro temos o sentimento, depois o querer e por último a vontade (essa tremenda força que correrá em cada veia, nervo e músculo, até que todo o conjunto de vosso corpo se transforme num instrumento de altruísta yoga de ação).

Esta aquisição não depende de nenhum dogma ou crença. Não importa que se seja judeu, cristão ou gentio. Sois altruísta? Esta é a questão. Se o sois, sereis perfeito sem ler um só livro religioso nem entrar numa só igreja ou templo. Cada uma de nossas yogas está apta a tornar o homem perfeito, mesmo sem auxílio dos outros, porque todos chegam ao mesmo fim. As yogas da ação, sabedoria e devoção podem servir como meios diretos e independentes para a aquisição de “moksha”. “Só os néscios dizem que o trabalho e a filosofia são diferentes”. Para os sábios, ainda que pareçam diferentes, ambos conduzem à meta da perfeição humana.

Capítulo 7 – Liberdade

Além do significado de atuar, dissemos que, psicologicamente considerada, a palavra *karma* quer dizer causação. Qualquer trabalho, ação ou pensamento que produza um efeito, chama-se *karma*. Assim, “lei de karma” significa “lei de causa e efeito”. Onde quer que exista uma causa, produz-se um efeito; esta necessidade não pode ser evitada, e é, segundo nossa filosofia, uma lei que se cumpre em todo o universo, enquanto de um modo é o resultado de uma ação passada, de outro modo se converte em causa de seu próprio efeito. É necessário, além disso, considerar o que significa a palavra lei. Por lei entendemos a tendência de repetir uma série de fenômenos. Quando vemos um fato seguido de outro ou que transcorre simultaneamente, esperamos que esta sequência ou coexistência torne a ocorrer.

Os antigos lógicos e filósofos da escola Nyâyâ denominavam esta lei de *Vyâpti*. Segundo eles, nosso conceito de lei se deve à associação. Uma série de fenômenos está em nossa mente, associada a certas coisas, segundo uma ordem invariável; desta forma, qualquer coisa que percebemos num dado momento é imediatamente transferida a outros fatos de nossa mente. Toda ideia, ou, segundo nossa psicologia, cada vibração produzida na substância mental *chitta*, deve dar nascimento a vibrações semelhantes. Esta é a ideia psicológica da associação e o motivo é apenas um aspecto deste princípio. A associação se chama *Vyâpti*. No mundo externo a ideia de lei é igual à do mundo interno: a expectativa de que um fenômeno particular seja seguido por outro e que a série se repita. Portanto, estritamente falando, a lei não existe na natureza. Praticamente é um erro dizer que a gravitação existe na terra ou que há alguma lei que exista objetivamente nalguma parte da natureza.

A lei é o método ou a maneira como nossa mente percebe um série de fenômenos; tudo está na mente. Certos fenômenos que ocorrem sucessiva ou simultaneamente, capacitam nossas mentes a perceber o método da série, e constituem o que chamamos lei.

A imediata questão a considerar é a definição de uma lei universal. Nosso universo e a porção de existência caracterizada pelo que os psicólogos sânscritos chamam *Desha-kâlanimitta*, ou seja, o que a psicologia europeia chama espaço, tempo e causação. O universo é apenas uma parte da existência infinita, posta num molde particular composto de tempo, espaço e causação. Do que se deduz que a lei é semente possível dentro deste universo condicionado, não podendo existir lei alguma fora dele. Quando falamos de universo, entendemos somente a porção de existência limitada por nossa mente; o universo dos sentidos, que podemos ver, sentir, tocar, ouvir, pensar e imaginar. É o único que está sob a lei; além dele a existência não pode estar sujeita à lei, porque a causação não se estende fora do mundo de nossas mentes. Tudo quanto esteja fora do alcance de nossa mente e sentidos, não se acha submetido à lei de causa e efeito, pois não há associação mental de coisas na região inacessível aos sentidos, nem causação sem associação de ideias.

Somente quando “o ser” ou existência está modelado em nome e forma, é que obedece à lei de causação; diz-se, então, que está sob a lei, porque toda lei tem sua essência na causação. Portanto, não pode existir o livre arbítrio; mesmo estas palavras são uma contradição, porque o que conhecemos é a vontade, e tudo o que conhecemos está dentro do nosso universo, e modelado pelas condições de espaço, tempo e causação. Tudo quanto conhecemos ou podemos conhecer está por força submetido à lei de causação, e por consequência não pode ser livre. Agem nele outros agentes, que por sua vez se transformam

em causa. Porém aquilo que se transformou em vontade, será livre quando romper os moldes em que está encerrada: espaço, tempo e causalidade. Provém da liberdade, modela-se na matriz das ligaduras, sai dela e volta de novo à liberdade.

Tem-se procurado saber donde vem e aonde vai este universo; e tem-se respondido que vem da liberdade, sujeita-se à fatalidade e volta de novo à liberdade. Assim, quando dizemos que o homem não é mais que o ser infinito se manifestando, queremos dizer que só uma parte muito pequena dele é em realidade o homem; este corpo e esta mente que percebemos são apenas uma parte do todo, apenas um ponto da existência infinita. O universo é somente uma partícula da infinita existência, e todas nossas leis e limitações, nossas alegrias, nossas felicidades e nossas esperanças, estão dentro dele; todo nosso progresso e nossa decadência se acham nos limites de sua pequena jurisdição. De maneira que vedes quão infantil é esperar uma continuação deste universo (criação de nossas mentes) e aguardar o céu que, depois de tudo, só pode ser uma repetição deste mundo que conhecemos. Como vedes, é um desejo impossível e infantil adaptar a totalidade da existência infinita a esta existência limitada e condicionada que conhecemos.

Quando um homem afirma que terá sempre a mesma coisa que agora possui, ou, como tenho dito algumas vezes, quando ele pede uma religião confortável, podeis estar seguro de que se degenerou tanto que já não é capaz de pensar em algo mais elevado do que o é atualmente. Este homem é tão só o que são suas mesquinhas circunstâncias atuais. Esqueceu sua natureza infinita, e seu pensamento se circunscreve às pequenas alegrias, tristezas e aborrecimentos do momento. Pensa que esta coisa finita é o infinito; e não somente isto, mas não quer abandonar tão ridícula ideia. Aferra-se desesperadamente a *Trishná*, a sede de viver, que os budistas chamam *Tanhâ* e *Tissâ*. Podem existir milhões de classes de felicidades, de se-

res, de leis, de progresso e de causação atuando fora deste pequeno universo que conhecemos, pois a totalidade de tudo isto compreende apenas uma seção de nossa natureza.

Para alcançar a liberdade, devemos transcender os limites do nosso universo. O perfeito equilíbrio, ou o que os cristãos chamam a paz, que se encontra além de todo entendimento, não pode ser conquistado neste mundo, nem no céu nem em lugar algum onde nossa mente possa pensar, os sentidos perceber e a imaginação conceber. Nenhum destes lugares pode nos dar a liberdade, porque todos eles estariam dentro de nosso universo e este está limitado pelo tempo, espaço e causação. Podem existir lugares que sejam mais etéreos do que nossa terra, onde os prazeres sejam mais intensos, porém mesmo esses lugares estarão dentro de nosso universo, e portanto, sujeitos à lei; por conseguinte, devemos ir mais além, e a verdadeira religião começa onde termina o nosso universo. As rápidas alegrias e sofrimentos findam onde a realidade começa. Enquanto não abandonarmos a sede de viver, a atração pela existência transitória e condicionada, não teremos nem sequer a esperança de vislumbrar essa infinita liberdade que existe além do limitado.

É lógico que não existe mais do que uma só maneira de obter esta liberdade (uma das mais nobres aspirações da humanidade): o desprezo desta pequena vida, deste pequeno universo, desta terra, do céu, do corpo, da mente e de tudo o que está limitado e condicionado. Se renunciarmos o nosso apego por este pequeno universo dos sentidos e da mente, seremos imediatamente livres. É o único modo de se livrar dos laços e ir além das limitações da lei e da causação.

Todavia, é, sumamente difícil deixarmos de nos aferrar a este universo; muito poucos o conseguem. Nossos livros mencionam um dos modos de obtê-lo. Um é chamado *nei, neti* (isto

não, isto não), e o outro se chama *iti* (isto); o primeiro é negativo e o segundo positivo. A maneira negativa é a mais difícil e só possível para homens de mentes elevadas e poderosa vontade; desses que se põem de pé e dizem: “Não, não aceito isto”, e a mente e o corpo obedecem sua vontade, e surgem vencedores da prova. A maioria da humanidade escolhe o modo positivo, o caminho do mundo, usando de todas as limitações para romper essas mesmas limitações. Esta é também uma maneira de renunciar; só que age de maneira lenta e gradual, conhecendo as coisas, gozando delas e obtendo, desta maneira, experiência, conhecendo a natureza das coisas até que a mente termina por abandoná-las.

O primeiro modo de se desligar é mediante o raciocínio; o segundo, pela experiência. O primeiro é a senda da *jnana-yoga* e se caracteriza pela negativa de realizar qualquer obra; o segundo é, a *karma-yoga*, aquela que age sem cessar. Todos devem trabalhar no universo. Só aqueles que estão satisfeitos com o Ser, cujas mentes nunca saem fora do Ser, para quem o Ser é tudo em todos, não trabalham. Os demais devem trabalhar.

Uma corrente que flui por seu impulso próprio cai numa cova e forma um redemoinho, e depois de girar algum tempo volta a seguir seu curso. A vida humana se assemelha a esta corrente. Penetra no redemoinho, gira neste mundo de espaço, tempo e causação exclamando: “meu pai, meu irmão, meu nome, minha fama, etc.”, e por fim sai dali e readquire a liberdade original. Conhecendo-a ou não, sejamos ou não conscientes dela, todos trabalhamos para sair do sono do mundo. A experiência do homem é para torná-lo capaz de sair deste torvelinho.

Que é *Karma-Yoga*? É o conhecimento do segredo da ação. Todo universo trabalha. Para que? Para sua elevação, pa-

ra sua liberdade. Desde o átomo até o mais elevado dos seres, trabalha para alcançar a liberdade de mente, do corpo e do espírito. Todas as coisas pugnam continuamente por obter a liberdade e fugir da escravidão. O sol, a lua, a terra, os planetas, todos trabalham para se libertarem das limitações. As forças centrífugas e centrípetas da natureza caracterizam o nosso universo. Em vez de sofreremos para chegar a conhecer as coisas como elas são, aprendemos de Karma-Yoga o segredo da ação, o método de trabalhar, a maneira de agir.

Uma soma enorme de energia pode ser gasta em vão, se não soubermos como utilizá-la. Karma-Yoga transforma o trabalho em ciência, e com seu auxílio aprenderemos a utilizar melhor as forças deste mundo. A ação é inevitável, e assim deve ser; porém devemos atuar com o mais elevado propósito.

Karma-Yoga nos ensina que este mundo possui uma existência efêmera, passageira, e que a liberdade não se encontra aqui, porém mais além. Para poder escapar das ligaduras do mundo, devemos viver com cautela. Podem existir pessoas excepcionais, como as que acabo de citar, capazes de se desligarem do mundo, como uma cobra abandona sua pele e separada dela a contempla. Sem dúvida alguma existem esses seres excepcionais, porém o resto da humanidade tem que passar lentamente pelo mundo da ação; karma yoga ensina o processo e o método de realizá-lo com vantagem.

“Trabalha sem descanso porém abandona tudo aquilo que te ligue ao teu trabalho”. Não vos identifiqueis com coisa alguma. Conservai vossa mente livre. As dores e misérias que contemplais são as condições necessárias deste mundo. A pobreza, a riqueza e a felicidade são momentâneas; não pertencem de forma alguma à nossa natureza real. Nossa natureza está muito além do sofrimento e da felicidade, além dos sentidos e além da imaginação.

No entanto, devemos continuar trabalhando sem descanso. “O sofrimento vem do fato de se ligar à ação”. No momento em que nos identificamos com a ação, sentimos-nos infelizes; porém, não nos identificando com ela, evitamos a desgraça.

Se um lindo quadro pertencente a qualquer pessoa fosse posto ao fogo, não nos sentiríamos infelizes, porém, quando é o nosso próprio quadro que se queima, então nos consideramos infelizes. Por que isto? Os dois quadros são formosos, talvez cópia do mesmo original, porém em um caso se sente muito mais aflição do que no outro. É porque no último caso nos identificamos com o quadro, o que não aconteceu com o primeiro.

O eu e o meu são a causa de toda dor. Com o desejo de posse surge o egoísmo, e com ele a miséria. Cada ato, cada pensamento egoísta, nos liga a alguma coisa, e imediatamente nos convertemos em seus escravos.

Cada ondulação em *chitta* que diz “eu e meu”, liga imediatamente uma cadeia em nós e nos transforma em escravos, e quanto mais dissermos “eu e meu”, mais aumentaremos a escravidão e a aflição.

Portanto, Karma-Yoga nos ensina a desfrutar a beleza de todos os quadros do mundo, porém sem nos identificarmos com nenhum deles. Nunca digais “meu”. Quando disserdes esta coisa é minha, o sofrimento surgirá imediatamente. Nem sequer digais mentalmente “filho meu”. Possuis um filho, porém não digais “meu”. Se o fizerdes, começareis a ser infelizes. Não digais “minha casa” nem “meu corpo”. Toda a dificuldade está nisto. O corpo não é vosso, nem meu, nem de ninguém. Os corpos vem e se vão impulsionados por leis naturais, porém nós não somos nada mais do que o testemunho, e como tais, donos de nossa liberdade. Este corpo não é mais independente do que um quadro ou uma parede. Por que havemos de nos li-

gar a um corpo? Se alguém pinta um quadro, quando o termina segue seu caminho. Não projeteis esse tentáculo de egoísmo: “eu devo possuí-lo”. Tão logo o projeteis, começa a desdita.

Assim, karma-voga diz: controlai primeiramente o tentáculo do egoísmo, e quando o tiverdes conseguido, não permitais que a mente se submerja de novo nas ondas do egoísmo. Então podereis enfrentar o mundo e trabalhar tanto quanto puderdes. Frequentai qualquer companhia, aonde quer que vades, e nunca sereis contaminados pelo mal. A folha de Loto está na água mas esta não pode aderir a ela; assim sereis vós no mundo. Isto se chama *vatragnya*, ou desapego. Creio que já vos disse que sem desapego não pode haver yoga.

O não ligar-se a coisa alguma é a base de todos as yogas. O homem que renuncia viver numa casa, usar vestimentas ricas ou comer alimentos delicados, e mora no deserto, pode, não obstante, estar muito ligado. Sua única posse, seu corpo, pode ser tudo para ele, e enquanto viver estará lutando por amor ao seu próprio corpo. O desligar-se não é ação que possamos cumprir com o corpo físico, porém com a mente. A cadeia que nos escraviza ao “eu e ao meu” está na mente. Se nosso corpo e nossos sentidos estiverem desligados, seremos livres em qualquer parte em que nos encontremos.

Um homem pode ocupar um trono e estar perfeitamente desligado; outro pode vestir farrapos e no entanto estar ligado. Primeiro deveis alcançar este estado de desapego e em seguida trabalhar incessantemente. Karma-Yoga dá o método que nos auxiliará a renunciar toda atração, mesmo que em verdade seja muito difícil.

Eis aqui os dois métodos para se desligar de todo laço. O primeiro é para os ateus. Estes estão entregues às suas próprias forças; atuam mediante a sua vontade própria e os poderes de

sua mente e discernimento, dizendo: “eu não devo estar ligado”.

Para os crentes, existe outro método, muito mais fácil: abandonam os frutos da ação ao Senhor, trabalhando sem ligar-se aos resultados. Qualquer coisa que vejam, sintam, façam ou ouçam, é para Ele, pois nenhuma ação boa que realizarmos merece alcançar benefícios. Pertencem ao Senhor; portanto, os frutos devem ser d’Ele. Permanecemos desligados e não esqueçamos que nada mais somos do que servos que obedecem ao Senhor, nosso Amo, e que os motivos que impulsionam Suas ações nos são desconhecidos.

Tudo o que adorardes, tudo o que fizerdes, cedei-o ao Senhor e ficai em paz. Estejamos em paz conosco mesmos e cedamos ao Senhor nosso corpo, nossa mente e tudo mais como um sacrifício. Em vez do sacrifício de verter oblações no fogo, realizai este grande sacrifício dia e noite: o sacrifício do vosso pequeno eu. “Buscando as riquezas deste mundo, Tu foste a única riqueza que encontrei; eu me sacrifico a Ti. Buscando alguém a quem amar, Tu foste o único amado que encontrei; eu me sacrifico a Ti”. Repitamos isto dia e noite, e acrescentemos: “nada para mim; não importa se a coisa é boa ou má, ou indiferente, pois tudo sacrifico a Ti”. Renunciemos dia e noite o nosso eu ilusório até que isto se converta num hábito, até que nos penetre no sangue, nos nervos e no cérebro, até que a todo o momento o corpo obedeça a esta ideia de renúncia do eu. Então, mesmo que vos acheis num campo de batalha, vos sentireis livre e em paz.

Karma-Yoga nos ensina que o conceito corrente do dever está em plano inferior; não obstante todos nós devemos cumprir nossos deveres. No entanto, comprovamos que esta concepção do dever é causa frequente de grandes infelicidades. O dever se transforma em uma enfermidade para nós; empurra-

nos continuamente para diante. Apodera-se de nós e faz-nos miseráveis. É o veneno da vida humana. Esta ideia de dever é a canícula de um dia de verão que abrasa o mais íntimo da alma humana. Olhai estes pobres escravos do dever. Não lhes sobra tempo nem para fazerem suas orações, nem para se banharem. O dever os absorve continuamente. Vão trabalhar e ali o dever os domina. Voltam para casa, e ali pensam no trabalho do dia seguinte. O dever pesa sobre eles. Vivem como escravos, até que por fim caem nas calçadas e morrem encilhados como se fossem cavalos. É assim que compreendem o dever, quando o único dever é estar-se desligado e agir como ser livre, abandonando as obras a Deus.

Todos os nossos deveres Lhe pertencem. Felizes aqueles que recebem Suas ordens. Servimos enquanto nos cumpre servir; se fazemos bem ou mal, a quem interessa? Se fazemos o bem, não colhemos o fruto; se fazemos o mal, ficamos livres de cuidados. Estai tranquilos. Sede livres e trabalhai. Esta classe de liberdade é muito difícil de se obter. Quão fácil é interpretar a escravidão como um dever: a mórbida atração da carne pela carne! Os homens se esforçam por obter aquilo que lhes apetece. Perguntai-lhes por que o fazem, e vos dirão: “é meu dever”. Porém mentem, pois em realidade se trata da absurda avidez pelo ouro e pela ganância.

Mas, depois de tudo isto, que é o dever? É o impulso da carne, de nossas ligações, e quando temos um laço estabelecido, chamamo-lo dever. Por exemplo: nos países onde não existe o matrimônio, não há deveres entre marido e mulher; os amantes vivem juntos em virtude de suas ligações, e esta classe de vida familiar chega a estabilizar-se no transcurso de algumas gerações até converter-se em dever. É, por assim dizer, uma espécie de enfermidade crônica. Quando as ligações se tornam crônicas, as batizamos com o pomposo nome de dever. Então lhes oferecemos flores, soam os clarins, recitamos al-

guns versos dos livros sagrados, e geralmente o mundo continua em suas lutas e os homens se roubam uns aos outros em nome deste dever.

O dever é bom quando ponha cobro à brutalidade. Pode ser benéfico para os homens inferiores, incapazes de ter outros ideais; porém, aqueles que desejam ser karma-yogues devem abandonar semelhante conceito do dever. Não há dever para vós nem para mim. Tudo o que derdes ao mundo, dai-o de coração, mas não como um dever. Nem sequer penseis nisso. Não vos obrigueis. Além disso, por que haveis de vos obrigar? Tudo quanto fizerdes a título de obrigação, servirá para atar-vos. Por que deveis ter deveres? Cedei tudo a Deus. Neste forno ardente onde o fogo do dever queima tudo, bebei vosso copo de néctar e sede feliz.

Nós todos cumprimos a Sua vontade, e nada temos que ver com recompensas nem castigos. Se quiserdes recompensa, obtereis igualmente castigo; a única maneira de se livrar do castigo é abandonar a ideia de felicidade, porque as duas se encontram indissolavelmente unidas. No verso está a felicidade e no reverso a infelicidade. De um lado, a vida, e do outro, a morte. O único modo de transcender a morte é abandonar o amor pela vida. A vida e a morte são a mesma coisa, observada de pontos de vista diferentes.

De maneira igual, a ideia de felicidade sem desdita ou da vida sem morte é muito boa para os escolares, porém o homem inteligente compreende que se trata de uma simples oposição de termos e renuncia a ambas. Não busqueis louvores nem recompensas por vossas ações. Sempre que praticamos uma boa ação, desejamos que nos agradeçam. No momento em que entregamos algum dinheiro para uma obra de caridade, queremos ver nosso nome inscrito nos jornais. O resultado deste desejo é a desgraça. Os maiores homens do mundo desapa-

receram no anonimato. Os Budas e os Cristos que conhecemos são heróis de segunda categoria, comparados com os grandes homens ignorados. Centenas destes heróis anônimos têm vivido em todos os países trabalhando em silêncio. Em silêncio viveram e em silêncio morreram, e com o decorrer do tempo seus pensamentos se manifestaram como Budas ou Cristos, os únicos que chegam a ser conhecidos por nós.

Os homens de valor não buscam renome nem celebridade. Abandonam suas ideias ao mundo; não pedem nada para si, nem estabelecem escolas ou sistemas que adotem o seu nome. Sua natureza se rebela contra estas coisas. São os verdadeiros *sátvicos*, ou harmoniosos, que não provocam agitação yogues, que habita numa caverna na Índia. Um dos homens mais assombrosos que já vi perdeu de tal modo a percepção de sua individualidade, que somente o Divino fala no seu interior. Se um animal lhe morde um braço, lhe oferece imediatamente o outro, pois compreende que é a vontade do Senhor. Tudo o que lhe acontece pertence ao Senhor. Nunca aparece aos homens e no entanto é um repositório de amor e de ideias amáveis.

Seguem depois os homens *rajásicos* ou ativos, naturezas combativas, que tomam as ideias dos perfeitos e as pregam pelo mundo. A classe mais elevada coleciona silenciosamente as ideias nobres e verdadeiras; e outros os Budas e Cristos – vão de lugar em lugar pregando e trabalhando por elas. Na vida de Gautama Buda se nos diz que Ele é o vigésimo quinto Buda. Os vinte e quatro Budas anteriores são desconhecidos para a história, conquanto o Buda que conhecemos deva ter edificado sua doutrina sobre as bases estabelecidas por seus antecessores.

Os homens superiores são tranquilos, silenciosos e anônimos. São os homens que conhecem realmente os poderes do pensamento, sabem que mesmo vivendo numa caverna e só te-

nham cinco pensamentos em toda a sua vida, esses cinco pensamentos viverão por toda a eternidade. Tais pensamentos perfurarão montanhas e cruzarão os oceanos. Entrarão profundamente no coração e no cérebro dos homens, que lhes darão expressão prática em suas ações na vida. Esses homens *sátvicos* estão demasiado próximos do Senhor para estar ativos e esforçar-se por fazer o bem, como dizem, sobre a terra. Os obreiros ativos, por bons que sejam, têm ainda um fundo de ignorância. Só quando ainda permanecem algumas impurezas em nossa natureza, é que podemos trabalhar. Em presença de uma Providência constantemente vigilante, que não deixa de se aperceber nem da descida de um pardal, como pode o homem atribuir importância alguma ao seu próprio trabalho? Não seria isto blasfemar, sabendo que Ele cuida de tudo neste mundo? A nós só nos cabe prostrarmos reverentemente ante deles, dizendo: “Seja feita a Tua vontade”.

Os homens superiores não podem trabalhar porque não têm apego. Aqueles cujas almas já penetraram no Ser, cujos desejos estão confinados ao Ser, que já chegaram a uma associação indissolúvel com o Ser, não atuam. Ao agir deste modo, nunca deveríamos pensar que podemos ajudar nem sequer a menor partícula do universo. Não, não o podemos. Só nos ajudamos a nós mesmos. Tal é a atitude correta que deve assumir aquele que age. Se trabalhamos desta maneira, se temos sempre presente que nossa atual oportunidade de trabalhar é um privilégio que nos foi conferido, nunca ficaremos ligados a coisa alguma.

Milhões de indivíduos como eu se julgam importantes no mundo, porém morremos todos, e ao fim de cinco minutos o mundo já se esqueceu de nós. Porém a vida de Deus é infinita. “Quem pode viver um momento, respirar um momento, se não for pela vontade deste Uno Todo-poderoso?”. Ele é a Providência sempre ativa. Todo poder lhe pertence e está dentro

de Sua vontade. Por Sua vontade os ventos sopram, o sol brilha, a terra vive e a morte passeia pelo universo. Ele é o Todo e está em tudo. Nós só podemos adorá-lo. Renunciai os frutos da ação, fazei o bem por amor ao bem, e só então chegareis ao perfeito desapego. Assim se romperão as ligaduras do coração e realizaremos a liberdade perfeita. Esta liberdade é, em verdade, a finalidade de Karma-Yoga.

Capítulo 8 – O Ideal de Karma-Yoga

A mais admirável ideia da religião vedanta é a de podermos alcançar o mesmo fim por diferentes caminhos. Esses caminhos estão generalizados em quatro: o da ação, o do amor, o da psicologia e o do conhecimento. Mas deveis lembrar-vos ao mesmo tempo de que estas divisões não são muito marcadas nem se excluem umas às outras. Cada uma se mistura com as demais; porém, de acordo com o tipo que prevalece, damos o nome a cada divisão. Não quero com isto dizer que não encontreis um homem que não possua outra faculdade além da de agir, nem homens que sejam somente devotos fervorosos, nem outros que não possuam mais do que simples conhecimento. Estas divisões são feitas de acordo com o tipo ou tendências que parecem prevalecer em cada indivíduo. Já vimos que finalmente estas quatro sendas convergem para um ponto só. Todas as religiões e métodos de ação e adoração nos conduzem a fim idêntico.

Procurarei indicar-vos qual é este fim. É a liberdade tal como a compreendo. Tudo quanto percebemos ao nosso redor está lutando por essa liberdade, desde o átomo ao homem, desde a insensível partícula de matéria isenta de vida até a existência mais elevada da terra, a alma humana. O universo inteiro é, em verdade, o resultado desta luta pela liberdade. Em todas as combinações cada partícula trata de seguir sua trajetória própria, porém as demais as mantêm sujeitas. Nossa terra procura fugir do sol, e a lua da terra. Tudo tende a uma dispersão infinita.

Tudo quanto vemos no universo tem como base esta luta pela liberdade; é impulsionado por esta tendência que o santo

ora e o ladrão rouba. Quando a linha de ação não é correta, a chamamos mal, e quando sua manifestação é correta e elevada, a chamamos bem. Mas o impulso é o mesmo: a luta pela liberdade. O santo está oprimido pelo conhecimento de seu cativo e precisa livrar-se dele; por isso adora a Deus. O ladrão crê que não possui certas coisas e trata de desfazer-se desta necessidade, ver-se livre dela e por isso rouba. A liberdade é o único objetivo da natureza, seja consciente ou inconsciente; e consciente ou inconscientemente, todos lutam para este fim.

A liberdade que o santo busca difere muito da que busca o ladrão. A liberdade amada pelo santo leva-o ao gozo da felicidade infinita e inefável, enquanto que aquela em que o ladrão põs seus amores, forja unicamente novas cadeias para a sua alma.

Em todas as religiões se encontra esta luta pela liberdade. É o fundamento de toda moralidade, do altruísmo, o que significa desvencilhar-se da ideia de que os homens são idênticos aos seus pequeninos corpos. Quando vemos que um homem pratica uma boa ação auxiliando os outros, verificamos que ele não pode estar confinado ao limitado círculo do “eu e meu”. Não há limite para este renunciar do egoísmo. Todos os grandes sistemas de moral pregam o absoluto altruísmo.

Suponde que este absoluto altruísmo fosse alcançado por um homem. Que aconteceria? Já não seria mais o Sr. Fulano de Tal, pois teria alcançado uma expansão infinita. Aquela sua pequena personalidade anterior teria desaparecido para sempre. Ter-se-ia volvido para o infinito, e a conquista desta expressão infinita é em verdade a meta de todas as religiões e de todos os ensinamentos filosóficos e morais.

O personalista se assusta ante esta concepção filosófica. No entanto, em sua pregação se oculta a mesma ideia. Ele não limita o altruísmo do homem. Suponde que um homem che-

gasse a ser perfeitamente altruísta sob o sistema personalista, como faríamos para distingui-lo dos perfeitos de outros sistemas? Aquele chegou a ser uno com o universo, o que é o fim de todos nós; porém o personalista não tem o valor de seguir seu próprio raciocínio até suas últimas conclusões lógicas. Karma-Yoga é a aquisição, mediante o altruísmo, dessa liberdade que constitui a meta de toda natureza humana. Cada ação egoísta retarda nossa chegada à meta, e cada ação altruísta a acelera; por isto a única definição que se pode dar da moral é esta: O egoísta é imoral, e o altruísta moral.

No entanto, se entrardes em detalhes, já não nos parecerá tão simples o assunto. Por exemplo: o ambiente faz com que os detalhes variem. Uma ação pode ser altruísta em certas circunstâncias, e egoísta em outras. Portanto, limitamo-nos a dar uma definição geral, deixando que os detalhes sejam elaborados em relação com as diferenças de tempo e de lugar. O que em um país é moral, é imoral em outro. O fim visado pela natureza é a liberdade, e esta se obtém semente pelo altruísmo; cada pensamento, palavra ou ação isenta de egoísmo nos aproxima da meta, e conseqüentemente, é moral.

Como vedes, esta definição é aceita por todas as religiões e sistemas de moral. Em certas filosofias, a moral tem sua origem num Ser Superior: Deus. Se perguntais porque deve um homem fazer isto em vez daquilo, responder-vos-ão que é o mandato de Deus. Porém, independentemente da origem, seu código de moral se baseia no mesmo princípio: não pensar no eu. Não obstante, pessoas de tão elevado conceito de moral se atemorizam ante a ideia de terem que abandonar ou renunciar suas mesquinhas personalidades. Ao homem que se aferra à sua insignificante personalidade podemos pedir que considere o caso de uma pessoa perfeitamente altruísta, que não tenha outro pensamento nem preocupação senão os outros, e inteira rejeição do “a si mesmo”. Este “a si mesmo” lhe é conhecido

só quando pensa, age ou conversa para si mesmo; se sua consciência abarca só o universal, onde está o seu “a si mesmo”? Foi-se para sempre.

Karma-Yoga, portanto, é um sistema de ética e religião destinado a obter a liberdade mediante as boas ações. O karmayogue não precisa de nenhuma doutrina. Pode ser ateu, pode não se interessar pela sua alma nem o inquietar nenhuma especulação metafísica. Possui sua finalidade, seu modo especial de alcançar o inegoísmo, e deve alcançá-lo por si mesmo. Sua vida tem de ser uma constante realização, porque deve resolver pela ação, sem auxílio de doutrinas nem teorias, o mesmo problema ao qual o *jnani* aplica a razão e o *bhakti* o amor.

Surge agora outra pergunta: podemos fazer bem ao mundo? No sentido absoluto, não; em sentido relativo, sim. Não se pode fazer nenhum bem permanente ao mundo; se tal fosse possível, o mundo não seria mundo. Podemos aplacar a fome de uma pessoa durante um tempo mais ou menos prolongado, porém ela voltará a senti-la outra vez. O prazer que podemos oferecer é momentâneo. Ninguém pode curar definitivamente esta febre de prazer e de dor.

Pode alguém conceder ao mundo a eterna felicidade? Para que uma onda se erga à superfície das águas, deve haver uma depressão equivalente. As coisas boas deste mundo estão relacionadas com as necessidades e inveja do homem. Não podem ser aumentadas nem diminuídas. Considerai por um momento a história da raça humana. Não encontramos as mesmas alegrias e infelicidades, os mesmos prazeres e dores, as mesmas diferenças de classe? Não são uns ricos e outros pobres; estes altos e aqueles baixos; alguns sãos e outros enfermos? Pois o que acontecia com os egípcios, os gregos e os romanos, acontece hoje com os americanos. A história se repete indefinidamente; no entanto, podemos observar que ao lado dessas

incuráveis diferenças de prazer e dor, sempre houve luta por aliviá-las.

Cada período da história contou com milhares de homens e mulheres que se esforçaram por tornar a existência mais agradável para as futuras gerações. Mas em que proporção conseguiram? Só podemos mudar a pelota de um lugar para outro. Deixamos a dor no plano físico e se dirige ao mental. É como na cena do Inferno de Dante, em que aos miseráveis se entrega uma bola de ouro para que façam rolar até o alto de uma montanha. Cada vez que a fazem subir um trecho, a gravitação a faz voltar. Nossas conversas sobre a idade de ouro não são mais do que encantadores contos para crianças. As nações que sonham com a idade de ouro pensam que para o seu povo lhes virá o melhor. Esta é a assombrosa ideia altruísta, da idade de ouro.

Não podemos aumentar a felicidade deste mundo; nem tampouco nos é possível aumentar a dor. A soma de prazer e dor será sempre a mesma. Este fluxo e refluxo de prazer e dor é a própria essência do mundo; sustentar o contrário equivaleria a dizer que pode haver vida sem morte. Algo completamente absurdo, porque a ideia de vida implica necessariamente a de morte, e o prazer deve ter a dor como contraparte.

A lâmpada está ardendo e consumindo-se constantemente, e esta é a sua vida. Se quereis ter vida, deveis morrer constantemente por ela. A vida e a morte são uma e a mesma coisa, contemplada de dois pontos de vista; são a ascensão e descida da mesma onda; em síntese: uma olha a “ascensão” e se faz otimista; outro olha a “descida” e se faz pessimista. Quando uma criança vai à escola e seus pais a cuidam, tudo lhe parece feliz; suas necessidades são simples, e como resultado, é grande otimista. Porém, o ancião, com suas múltiplas experiências, busca mais o repouso. Assim também são as velhas nações,

que apresentam sinais de decadência e têm menos esperanças do que as novas. Há um provérbio na Índia que diz: “Mil anos de cidade e mil anos de bosque”. Esta mudança em bosque, e vice-versa, ocorre em todas as partes, e torna os povos otimistas ou pessimistas, segundo o ponto de vista que adotem.

A primeira coisa em que devemos pensar é na igualdade. Essas ideias do século de ouro têm dado um forte impulso à ação. Muitas religiões pregam que Deus virá reger este universo e que então as condições serão iguais para todos. As pessoas que pregam estas doutrinas são simples fanáticos, e os fanáticos são, em verdade, os homens mais sinceros. O cristianismo foi pregado sob sugestões desse fanatismo, e assim atraiu os gregos e os romanos escravos. Acreditam estes que sob a religião de um século de ouro, terminaria a escravidão e teriam o suficiente para comer e beber; e portanto, abraçaram a causa cristã. Os que originalmente pregaram a ideia, foram simples fanáticos ignorantes, porém sinceros.

Nos tempos modernos esta aspiração de século de ouro se encerra na fórmula: liberdade, igualdade, fraternidade. Isto também é fanatismo. A verdadeira igualdade jamais existiu nem existirá sobre a terra. Como podemos ser todos iguais? Esta espécie de igualdade implica a morte total. Qual é a causa do mundo ser como é? O equilíbrio perdido. No estado primitivo, chamado caos, existe perfeito equilíbrio. Como surgiram as forças criadoras do universo? Pela luta, competição e conflito.

Supondo que as partículas da matéria se achassem em equilíbrio, seria possível a criação? A ciência afirma que não. Agitai a água e vereis que cada uma de suas partículas voltará à quietude, precipitando-se umas contra as outras; e do mesmo modo os fenômenos que constituem o universo (as coisas que ele encerra) lutam por volver ao perfeito equilíbrio. Produz-se

uma perturbação, e de novo ocorrem a combinação e a criação. Ao mesmo tempo, as forças que lutam pela igualdade são tão necessárias à criação como as que a destroem.

A igualdade absoluta, isto é, o perfeito equilíbrio das forças em luta em todos os planos, não é possível em nosso mundo. Antes de alcançar esse estado, o mundo será inadequado para qualquer espécie de vida. Vemos então que o século de ouro e a igualdade são impossíveis, e se quiséssemos levá-los à prática, nos conduziriam à destruição. Que é que constitui a desigualdade entre os homens? Principalmente a diferença de cérebros.

Ninguém, a não ser um desequilibrado, diria hoje que nascemos com a mesma capacidade cerebral. Chegamos ao mundo com faculdades determinadas, impossíveis de alterar. Os índios americanos habitavam esta região há milhares de anos, porém chegaram vossos antepassados e desde então mudou o aspecto da região. Por que não fizeram os índios melhoramentos nem construíram cidades, se somos todos iguais? Com os vossos antepassados apareceu uma classe diferente de poder cerebral.

A absoluta igualdade é morte. Enquanto durar este mundo, existirá a diferenciação, e a idade de ouro da igualdade perfeita chegará só quando chegar a seu termo um ciclo de criação. Antes, essa igualdade não poderá existir. No entanto, esta ideia de realizar o século de ouro é um estímulo de grande poder. Assim como a desigualdade é necessária para a criação, também o é a luta para limitá-la. Se não houvesse luta para sermos livres e voltarmos a Deus, não haveria criação. É a diferença entre essas duas forças que determina os motivos para atuar, alguns tendentes às limitações e outros à liberdade.

Este mundo, semelhante a duas rodas que giram uma dentro da outra e em sentido oposto, constitui um mecanismo

terrível; se nos descuidarmos, pode prender nossa mão e arrastar-nos. Todos cremos que uma vez cumprido o dever imediato, descansaremos; porém, mesmo antes de havê-lo terminado, outro dever nos espera. Todos nós somos arrastados por esta poderosa e complexa máquina, que é o mundo. Só há dois modos de evitá-la: um é renunciando todo interesse pela máquina, deixando-a funcionar só; noutras palavras, abandonando nossos desejos.

Isto é muito fácil de dizer, porém difícil de fazer. Não sei se entre vinte milhões de homens haverá um que seja capaz de fazê-lo. O outro modo consiste em submergirmos no mundo e aprender o segredo do trabalho. Não fujais da engrenagem do mundo; ao contrário, permanecei nele e aprendei o segredo do trabalho. Mediante o trabalho correto, feito em seu interior, pode-se alcançar a libertação. Atravessando esta maquinaria, chega-se à saída.

Vimos o que é ação: uma parte dos alicerces da natureza, a qual não deixa nunca de agir. Aqueles que creem em Deus o compreenderão melhor, pois sabem que Deus não necessita de nossa ajuda. Mesmo que este universo não detenha nunca sua marcha, nossa meta é a liberdade, nosso fim o altruísmo, e, de acordo com Karma-Yoga, o fim há de ser conquistado mediante a ação.. Todas as ideias de tornar o mundo feliz podem ser boas como motivos poderosos para os fanáticos; porém sabemos que o fanatismo produz tanto o mal como o bem. O karma-yogue pergunta a si mesmo por que há de haver outro motivo para agir, além do amor inato pela liberdade. Colocai-vos mais acima dos motivos mundanos. Tendes direito à ação mas não aos frutos.

“O homem pode exercitar-se para conhecer e praticar esta verdade”, afirma o karma-yogue. Quando a ideia de fazer o bem faz parte de sua própria existência, já não busca nenhum

motivo externo. Façamos o bem só porque é bom fazê-lo; “aquele que realiza boas ações, ainda que seja só para alcançar o céu, prende-se a si mesmo”, diz o karma-yogue. Qualquer ação executada com egoísmo, em vez de libertar, forja novas cadeias para nossos pés.

De modo que a única solução consiste em renunciar os frutos da ação, não se ligando a ela. Sabeis que o mundo não somos nós, nem nós o mundo. Somos o Ser eternamente em repouso e em paz. Por que, pois, temos que nos ligar a alguma coisa? É muito bom dizer que deveríamos desligar-nos de tudo, porém, como consegui-lo? Cada ação boa que praticamos sem esperar recompensa, em vez de forjar novas cadeias, romperá uma das já existentes. Cada bom pensamento que enviamos ao mundo, sem desejar recompensa alguma, será computado pelo karma e romperá um novo elo de nossa cadeia, tornando-nos mais puros. No entanto, isto pode parecer algo quixotesco em vez de prático. Tenho lido muitos argumentos contra o *Bhagavad-Gita*, e são muitos os que afirmam que os homens não podem agir sem motivos. Eles nunca viram obras altruístas a não ser influenciadas pelo fanatismo, e por isso falam desta forma.

Como conclusão vos direi algumas palavras sobre um homem que praticou os ensinamentos de Karma-Yoga. Este homem foi Buda, o único que levou estas práticas à sua perfeição máxima. Todos os profetas do mundo, com esta única exceção, podem ser divididos em duas classes: uma, os que afirmam ser encarnações de Deus, e outra, os que dizem ser apenas mensageiros de Deus. Ambas obtêm seu impulso do exterior, por muito espiritual que seja a linguagem que utilizam. Buda foi o único profeta que disse: “Não me preocupo em conhecer vossas diversas teorias acerca de Deus. De que serve discutir sobre as sutis doutrinas da alma? Praticai o bem e ele vos conduzirá à verdadeira liberdade”.

Sua conduta estava absolutamente desprovida de móveis pessoais; no entanto, quem o excedeu como trabalhador? Mostrei-me na história um caráter que se tenha elevado a esta altura. A raça humana produziu só um caráter de tão elevada filosofia e de tão vasta compaixão. Este grande filósofo, que pregou a mais elevada doutrina, tinha, no entanto, a mais profunda compaixão pelos animais, sem que jamais se atribuísse mérito algum por isso. Foi o karma-yogue ideal, agindo em todos os momentos sem motivos pessoais. A história da humanidade o apresenta como o maior entre, os nascidos, a melhor combinação de coração e cérebro que já existiu, a alma maior e mais poderosa que se manifestou.

É o primeiro dos reformadores que o mundo conheceu. Foi o primeiro que se atreveu a dizer: “Crede, porém não porque isto seja costume em vosso país; discerni e analisai tudo, e depois disto, se virdes que fará bem aos outros e a todos, crede, vivei e praticai; e depois fazei que outros o vivam”. Age melhor quem não busca dinheiro, nem fama, nem coisa alguma. Quando um homem realizar isto, será um Buda, e surgirá dele tal força de ação que transformará o mundo. Um homem assim representa o mais elevado ideal de Karma-Yoga.

* * *